
Índice Geral

Apresentação, 1

Uma etapa prévia: a formação da equipe de pesquisa, 5

Passo 1

Formação de uma equipe interdisciplinária, 6

Passo 2

Estabelecer um processo de auto-formação com a equipe, 7

Momento I: Investigativo, 9

Fase A:

A elaboração de um marco teórico comum, 11

Passo 1

Delimitar a Região ou Zona e juntar toda a informação já disponível sobre ela, 12

Passo 2

Sistematizar a informação existente ou adquirida sobre a Região ou Zona, 12

Passo 3

Redigir um marco teórico e hipóteses interpretativas preliminares, 12

Fase B:

Seleção de uma área e de unidades específicas estratégicas, 14

Passo 1

Elaboração de um esquema ou guia para a coleta de informação, 15

Passo 2

Análise da informação existente sobre a área (diagnósticos, dados censitários, monografias, enquetes, estudos de comunidade, teses, cartografia), 16

Passo 3

Contatos com pessoas, grupos, órgãos, que tenham informação, conhecimento ou experiências diretas com a população, 16

Passo 4

Reconhecimento sensorial da área, 17

Passo 5

Delimitação de uma área estratégica, 18

Passo 6

Seleção da(s) Unidade(s) Específica(s), 18

Fase C:

Aproximação à(s) unidade(s) específica(s), 20

Passo 1

Reconhecimento sensorial da Unidade Específica, 21

Passo 2

Contatos com dirigentes e autoridades, 22

Passo 3

Participação nas atividades produtivas e na vida sócio-cultural da população, 23

Passo 4

Identificação dos grupos existentes e contatos com eles, 25

Passo 5

Seleção ou Conformação de grupo(s) estratégico(s) para a investigação, 26

Fase D:

Investigação participante da problemática e da percepção da unidade específica, 27

Passo 1

Sistematização da informação recolhida na fase anterior, com participação de membros da unidade específica, 28

Passo 2

Elaboração dos Códigos de Investigação, 28

Passo 3

Realização dos Círculos de Pesquisa, 29

Passo 4

Registro detalhado do material produzido nos Círculos de Pesquisa, 30

Passo 5:

Sistematização do material produzido nos Círculos de Pesquisa, 31

Momento II: Tematização, 33

Fase A:

Redução Teórica, 35

Passo 1:

Identificação dos elementos que compõem os processos objetivos, 36

Passo 2

Identificação das relações existentes entre os componentes e análise das contradições, 36

Passo 3

Estudo do Modo de Produção dominante e a determinação por ele exercida sobre os demais, 37

Passo 4

Elaboração de um documento sobre a Teorização, 37

Fase B:

Redução Temática, 39

Passo 1:

Identificar os elementos presentes na percepção dos grupos, 40

Passo 2:

Identificar conjuntos de elementos conformando temas de importância para a consciência dos grupos, 40

Passo 3:

Detectar o grau de relacionamento entre os temas percebido pelos integrantes dos grupos, 41

Passo 4

Verificar o tipo de explicação dada aos fenômenos e fatos sociais, 41

Passo 5

Comparar o conteúdo das percepções com a teorização, 42

Fase C:

Elaboração de um Programa Pedagógico, 44

Passo 1:

Construção das unidades pedagógicas centradas sobre cada tema gerador, 45

Passo 2:

Elaboração dos códigos para os temas geradores, 46

Passo 3:

Confecção de material didático, 46

Passo 4:

Treinamento dos coordenadores para a realização dos Círculos de Estudo, 47

Momento III: Programação-Ação, 49**Fase A:**

Redução Teórica, 51

Passo 1:

Organização ou seleção de grupos para os Círculos de Estudo, 52

Passo 2:

O processo de decodificação nos Círculos de Estudo, 53

Passo 3:

Priorização dos problemas, 54

Passo 4

Seleção das Idéias-Projetos, 55

Fase B:

Redução Temática, 56

Passo 1

Apresentação à população dos problemas e ações alternativas para a sua discussão, 56

Passo 2

Seleção coletiva do(s) projeto(s) de ação, 57

Fase C:

Elaboração de um Programa Pedagógico, 58

Passo 1:

Definição dos requerimentos materiais e humanos para a realização do projeto, 59

Passo 2:

Localização dos recursos disponíveis, 59

Passo 3:

Formulação das tarefas e designação dos responsáveis, 60

Passo 4

Preparação dos conteúdos dos eventos educativos de apoio ao projeto, 60

Passo 5

Capacitação do pessoal do projeto, 61

Passo 6

Preparação imediata dos meios necessários para dar início às atividades do projeto, 61

Passo 7

Mecanismos de controle comunitário sobre o projeto, 61

Fase D:

Execução e avaliação dos Projetos de Ação, 63

Passo 1:

Início das atividades do projeto e dos programas educativos necessários, 64

Passo 2:

Avaliação permanente do processo, 64

Passo 3:

Análise dos resultados finais do projeto por toda a comunidade participante (avaliação terminal), 64

Conclusão, 67

Lista dos Apêndices, 69

Bibliografia Citada, 71

Apresentação

Este trabalho pretende expor, detalhadamente, a metodologia da Pesquisa-Ação, entendida, em um sentido mais restrito, como sequência lógica e sistemática de passos intencionados, ou seja, passos com objetivos que se operacionalizam através de instrumentos e técnicas.

A sequência lógica a que se aludiu divide-se em três momentos, os quais, por sua vez se desdobram em fases, estas finalmente se operacionalizam em passos. Os passos representam ou atividades ou conjuntos de atividades, que realizados sistematicamente, permitem ir alcançando os objetivos de cada uma das fases. Se as fases são executadas com relativo rigor também se alcançarão os objetivos maiores de cada um dos momentos.

A escolha do termo "momento", para significar uma das três seções principais da metodologia não é arbitrária: quis-se evitar a palavra "etapa", já que esta parece indicar um conjunto de atividades e ações que devem de ser esgotadas antes de iniciar-se a seguinte. O termo indica com maior

propriedade a ênfase especial que se quer dar a um determinado tipo de intenção ou propósito. Por isso, temos:

O primeiro momento

Denominado de investigativo porque nele predomina a intenção de pesquisar e tanto as fases como os passos traduzem concretamente este propósito. Mas, a pesquisa dos processos sociais não termina de modo algum no primeiro momento: ao contrário, continua durante todo o processo, posto que o caráter dinâmico e contraditório do objeto social exige uma atividade contínua de busca de compreensão e de pesquisa.

O segundo momento

Chamado momento de tematização, por ser esta a atividade que mais o caracteriza, tem como objetivos uma reflexão crítica sobre os fatos pesquisados e sua elaboração teórica, que facilite a devolução posterior desta informação à população. Tudo isto exige também pesquisa, e por outro lado, já constitui uma ação da equipe no sentido de busca de meios para alcançar o objetivo geral do processo.

O terceiro momento

Este momento, que por falta de um termo único se cognominou de momento de programação-ação, busca a ação organizada, caracterizando-se por um conjunto de ações programadas e coordenadas; mas, para dar-se isto, se requer também um processo de auto investigação da população, uma reflexão crítica sobre sua própria realidade, bem como, uma procura de ações que a façam caminhar no caminho da transformação social.

O todo, assim como cada uma das partes que constituem a sequência lógica da pesquisa-ação, deve ser entendido como um processo dialético, que busca superar-se progressivamente, num permanente aproximar-se e afastar-se da realidade, do abstrato para o concreto. Cada passo, cada fase, cada momento significa um avançar do conhecimento, que tem de regressar à atividade prática, para validar-se, mas, também, para crescer, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Procede-se de forma dialética em aproximações sucessivas, nas quais um nível de conhecimento já alcançado se relativa e é superado, integrando-se a um nível superior.

O que abrangem, em síntese, os três momentos da metodologia da Pesquisa-Ação

A sequência lógica da Pesquisa-Ação, em seu todo e/ou em suas partes, configura um processo dialético.

Em cada um dos momentos, fases ou passos, é mister aplicar as categorias e conceitos teóricos, não apenas com o objetivo de demonstrar, comprovar ou rechaçar abstratos, mas sim com o fim de orientar a prática do grupo. O mesmo há de afirmar-se com respeito a técnicas utilizadas, quer as que se constroem no curso mesmo da experiência, quer as técnicas mais comumente usadas na pesquisa social empírica, utilizadas, às vezes, na Pesquisa-Ação, com finalidades mais restritas, que são determinadas pelos objetivos da metodologia, em consonância com os supostos epistemológicos e as categorias teóricas que a orientam.

De que modo a sequência lógica se percebe como um guia - e não um determinante - para a ação.

É importante assinalar que a **sequência lógica não determina de modo algum os conteúdos**; ela serve, simplesmente, como um **guia para a ação**:

- em um **primeiro momento** se pesquisam os processos objetivos e os subjetivos;
- em um **segundo momento** - de reflexão - se elabora o conhecimento para transformá-lo imediatamente em um programa pedagógico, que é o instrumento de devolução à população dos conteúdos apreendidos no primeiro momento, buscando-se criar condições para um processo novo de reflexão crítica daquela;
- finalmente, em um **terceiro momento**, a população utiliza o novo conhecimento adquirido para elaborar sua prática, através de um projeto coletivo, o qual executado e avaliado vai dar lugar a um nível mais elevado de conhecimento, que deverá ser posteriormente superado também por outro nível de atividade prática.

Uma etapa prévia: a formação da equipe de pesquisa

Todo grupo de pessoas que de forma planejada busca conhecer e compreender uma sociedade concreta para transformá-la, deve preparar-se seriamente para a tarefa que se propõe. A praxis de um grupo não pode ser algo que surge espontaneamente, nem um processo que obedece a caprichos, boas intenções ou azares do destino. A pesquisa científica dos processos sociais, tanto objetivos como subjetivos, é uma tarefa complexa, devido ao caráter mitificado, contraditório, através do qual se nos apresenta a realidade social. **Todo rigor na preparação da equipe é pouco.** Não se pode arriscar o trabalho com a população por falta de conhecimento das bases epistemológicas da metodologia, ou por um manejo superficial de categorias e conceitos necessários para compreender a sociedade concreta na qual a equipe realiza a sua prática.

A inclusão no conjunto metodológico, desta etapa prévia deveu-se a nossa primeira experiência de trabalho (Armero,

Depto. de Tolima na Colômbia), quando por falta de conhecimentos e uma certa auto-suficiência, a equipe botou a poder um trabalho educativo com camponeses. As técnicas, tal como as descrevia uma primeira sistematização do método feita no Chile - denominada como "Investigação Temática" (*) - , foram tomadas de modo mecanicista, supondo-se sem muito espírito crítico, que elas aplicadas, diretamente, produziriam resultados imediatos de conscientização. Um processo de auto-crítica, a partir do fracasso resultante, nos levou a perguntar-nos: que foi que falhou, a metodologia ou nós? Buscar resposta a esta pergunta forçou-nos a um estudo crítico das bases epistemológicas e das categorias e conceitos que subjaziam às técnicas; em uma experiência ulterior já nos foi possível compreender melhor as contradições do processo histórico do qual fazíamos parte, permitindo assim contribuir para a mudança.

O objetivo, pois, desta etapa prévia, será fazer com que a equipe de pesquisa adquira conhecimento suficiente dos conceitos teóricos e categorias e habilidade necessária para utilizá-los na análise da sociedade, assim como capacitação adequada para o uso dos instrumentos e técnicas próprias à investigação-ação. Os passos que podem ser dados para alcançar este objetivo serão vistos a seguir.

Passo 1 **Formar de uma equipe interdisciplinária**

Equipe interdisciplinária é aquela integrada por pessoas com distintas especializações ou orientações profissionais e com experiências variadas. Para formar a equipe convém realizar uma série de contatos prévios, durante os quais se possa analisar os antecedentes pessoais dos que desejam participar. Nem todo o mundo tem as aptidões necessárias para realizar um trabalho desta natureza, seja por causa de suas aspirações e orientações pessoais, seja por questões de personalidade ou caráter (**).

(*) Cf. Fiori, I e Pinto, J.B. - 5

(**) Quando se trabalha com órgãos governamentais, ocorre com frequência que as pessoas são designadas para trabalhar com a população; em consequência, carecem do interesse e do compromisso que é mister possuir para executar as tarefas que a metodologia requer. A maioria dos problemas que tivemos, sempre que trabalhamos com instituições públicas, tiveram sua origem naquela seleção de participantes.

A experiência revela a importância da preparação da equipe e do estudo crítico das bases epistemológicas e das categorias e conceitos subjacentes às técnicas

Passo 2 Estabelecer um processo de auto-formação com a equipe

Este processo abrange uma **reflexão conjunta** que permita **integrar** as diferentes percepções, experiências e orientações teóricas numa visão coerente, em objetivos coletivamente compartilhados, enfim, em tudo quanto se refere às áreas teóricas substantivas e aos métodos de pesquisa a serem utilizados pela equipe.

Isso é o que entendemos por "**interdisciplinariedade**": a integração de diferentes práticas e concepções teóricas em uma intencionalidade única, em **objetivos de ação compartilhados por todos**. Não se trata, pois, de uma mera justaposição de orientações profissionais em redor de objetivos difusos ou percebidos de forma **confusa**.

As técnicas para conseguir o objetivo desta etapa podem ser as mais variadas:

- Exposições de especialistas sobre os aspectos mais difíceis da teoria social e da epistemologia;
- Leituras em grupo, seguidas de discussão e aclaração de conceitos;
- Dinâmica de grupos que permita a cada qual exteriorizar sua experiência e sua visão do mundo;
- Crítica permanente de atitudes ou comportamentos que podem ter um impacto negativo na ação;
- Exercícios metodológicos que ensinem a fazer, fazendo.

É claro que os objetivos não se alcançam plenamente senão na própria prática da metodologia. Tudo isso, porém, supõe um planejamento por parte da equipe de sua própria formação enquanto tal.

Nã várias técnicas que podem ser aplicadas visando a obtenção de um melhor resultado na etapa prévia

Momento I: Investigativo

Divide-se em quatro fases:

Fase A:

A elaboração de um marco teórico comum;

Fase B:

Seleção de uma área e de unidades específicas estratégicas

Fase C:

Aproximação à(s) unidade(s) específica(s)

Fase D:

Investigação participante da problemática e da percepção da unidade específica.

O objetivo geral do Momento Investigativo, é produzir um conhecimento, uma compreensão da problemática dos grupos com os quais se trabalha e concomitantemente da percepção coletiva que tais grupos têm de sua própria

problematizada. Em outras palavras, compreender os processos objetivos essenciais que determinam uma realidade social e o modo como eles se representam na consciência dos sujeitos que são parte desses processos.

Para alcançar esta compreensão, que é aproximativa e não exaustiva, e indispensável proceder de forma sistemática e é isso o que buscam as quatro fases deste momento:

Fase A:

A elaboração de um marco teórico comum.

Divide-se em três passos:

Passo 1

Definir a Região ou Zona e ajuntar toda a informação já disponível sobre ela;

Passo 2

Sistematizar a informação existente ou adquirida sobre a Região ou Zona;

Passo 3:

Redigir um marco teórico e hipóteses interpretativas preliminares.

No marco se têm de integrar as observações e informações recolhidas sobre uma região ou área. O propósito é mais uma vez levar o grupo de trabalho a utilizar um marco teórico com coerência, na orientação da pesquisa. O marco ou quadro teórico, servirá para articular as informações, indicadores e dados com os conceitos básicos da teoria social.

A equipe de trabalho, antes de começar um trabalho com grupos específicos, busca organizar de maneira sistemática, com a ajuda da teoria, o conhecimento inicial disponível ou adquirido na região onde vai trabalhar. Neste momento já se pode e até convém elaborar hipóteses interpretativas, que têm de orientar a busca de informações ulteriores, mediante a construção de certos instrumentos para a coleta de dados.

Parte-se, pois, de um conhecimento abstrato, que se irá verificando, ou contrastando concretamente nas fases posteriores do momento investigativo.

Esta primeira organização sistemática do conhecimento se refere à região ou zona na qual se vai trabalhar. A região poderia ser definida em termos físico-ecológicos e sócio-econômicos mais ou menos homogêneos: por exemplo, pode ser um vale, uma microrregião, e às vezes vai corresponder a um Estado. Ainda não nos estamos referindo à área

Recolhendo o conhecimento inicial disponível para posterior confronto com a realidade da área onde se vai trabalhar

específica de atuação (seção de um vale ou município), nem ainda menos as unidades específicas, como seriam as comunidades de agricultores (comunidades locais ou naturais), cooperativas, associações, cuja escolha é posterior. Os passos que se recomendam para esta fase são descritos a seguir.

Passo 1

Delimitar a Região ou Zona e ajuntar toda a informação já disponível sobre ela.

Para isto se tenta recolher tudo, diagnósticos e dados censitários existentes e se procede a uma análise dos mesmos. Convém familiarizar-se também com a geografia e a topografia da região, através de mapas, e até de fotografias aéreas quando estas estejam facilmente disponíveis. Outro recurso adicional é entrevistar amplamente pessoas ou outras equipes que detenham informações relevantes sobre a área, visitar instituições de pesquisa que tenham trabalhado na área.

Passo 2

Sistematizar a informação existente ou adquirida sobre a região ou zona.

Nem toda informação é útil e nenhuma o é se não está articulada com outras, numa visão geral. Convém, pois elaborar, a partir de um sistema simples de classificação, um **guia ou roteiro de observação e sistematização**, que facilite começar por ordem nas informações recolhidas. O Guia de Observação pode referir-se a aspectos físico-ecológicos, econômico-produtivos, sócio-culturais e ideológicos. Ou pode ser estruturado em níveis: econômico, jurídico-político, ideológico, histórico.

Passo 3

Redigir um marco teórico e hipóteses interpretativas preliminares.

Ao confrontar a informação recolhida e sistematizada no Guia, com os conceitos e categorias gerais que se estudou na etapa prévia, far-se-á esforço para produzir uma primeira aproximação (teórica) à dinâmica dos processos objetivos, **uma primeira compreensão**. Convém redigir formalmente esta interpretação, como também as hipóteses interpretativas que se haja formulado, para submetê-las

Benefícios da redação de um marco teórico e do confronto das posições dos integrantes do grupo de trabalho sobre as informações recolhidas

posteriormente, a novas confrontações, quando o esforço investigativo tenha produzido um conhecimento mais aproximado, mais concreto. Não se trata, evidentemente, de hipóteses formais do tipo das que se usam em estudos quantitativos de orientação empirista; são hipóteses sobre o movimento social, a dinâmica dos processos, as contradições que se estão dando na região ou zona, mercê de sua inserção na formação social do país.

Este esforço de organizar a compreensão inicial do grupo é importante, para obter-se uma maior coesão do grupo a partir de uma percepção compartilhada da problemática geral, a qual, na medida em que avança se faz mais específica, mais concreta. A elaboração deste quadro teórico há de se fazer em grupos pequenos primeiro, e em seguida, as conclusões e hipóteses formuladas por cada grupo serão discutidas e confrontadas em plenária; isto permite através da discussão enfrentar percepções distintas e contestar as posições ideológicas, preparando, além do mais, uma busca de conhecimentos mais objetivos.

Essa fase se conclui com a redação de um documento, que serve ao grupo como exercício teórico e como registro do nível de compreensão e conhecimento do qual o grupo está partindo.

Fase B:

Seleção de uma área e de unidade específicas estratégicas

Divide-se em seis passos:

Passo 1:

Elaboração de um esquema ou guia para a coleta de informação;

Passo 2:

Análise da informação existente sobre a área (diagnósticos, dados censitários, monografias, enquetes, estudos de comunidade, testes, cartografia)

Passo 3:

Contatos com pessoas, grupos, órgãos, que tenham informação, conhecimento ou experiências diretas com a população;

Passo 4:

Reconhecimento sensorial da área;

Passo 5:

Delimitação de uma área estratégica;

Passo 6:

Seleção da(s) Unidade(s) Específica(s).

Como a ação educativa se há de dirigir a grupos humanos muito específicos, não pode a investigação ficar ao nível da região ou zona. Dentro desta, é necessário delimitar uma ou várias áreas mais restritas para selecionar nelas as agrupações humanas com as quais se vai desenvolver a prática.

A escolha das áreas e das unidades específicas obedecerá a uma estratégia de irradiação da ação educativa sobre outras áreas. Para isto, a área escolhida deve ocupar uma posição de importância na posição material, de modo que as ações que porventura nela se desenvolvam, tenham ou produzam um impacto nos processos de mudança. Para que este impacto se produza, a estrutura de produção da área

Características que deve ter a área escolhida

Escolha a escola de áreas onde haja perspectivas de um melhor rendimento a partir da aplicação - em termos de mudança social - dos recursos alocados

deve estar articulada a outras áreas da mesma região, senão não se pode dar uma irradiação da ação. Além disso, deve existir uma certa homogeneidade na área, tanto nos aspectos económicos, como étnico-culturais, senão a influência que o trabalho venha a ter será frejada ou pelo menos dificultada.

Esses critérios de relevância económica, inter-relação e homogeneidade devem ser levados em conta, para evitar-se a utilização de critérios de carácter subjetivo ou emocional, considerando-se que

nem sempre as áreas mais pobres, deprimidas ou marginais em termos económicos, são estratégicas desde o ponto de vista da irradiação.

Com isto não se quer excluir o trabalho com tais áreas, mas não são nem a pobreza nem a marginalidade o critério que nos deve orientar na escolha delas, como estratégicas ou prioritárias para uma ação.

Na equipe deve predominar uma certa preocupação em alocar os escassos recursos humanos e materiais em áreas onde possam ter um melhor rendimento, em termos dos processos de mudança social.

Claro que não estamos falando de rendimento ou impacto simplesmente económico; é sobretudo em termos de organização política que se coloca a questão dos critérios de seleção.

Essa não a seleção já foi feita por outras instâncias?

Frequentemente, no trabalho com instituições, a região e até mesmo as áreas de trabalho já foram selecionadas, por critérios que refletem a função e os objetivos da instituição ou órgão, e até mesmo do projeto específico. Isto entretanto não impede de estudar a região, a área, para selecionar microrregiões ou subáreas que respondam mais adequadamente aos critérios acima expostos. Os passos metodológicos que se sugerem para desenvolver esta fase da metodologia serão descritos a seguir.

Passo 1 **Elaboração de um esquema ou guia para a coleta da informação.**

Este guia ou esquema para recolher informações sobre a área pode ser semelhante ao anterior; pode até ser o mesmo, só

que muito mais detalhado, já que a realidade a que ele busca aproximar-se é diferente. O guia será elaborado e discutido por toda a equipe, para que todos contribuam em sua construção e possam sugerir também instrumentos que tornem mais viável a coleta de informação.

Passo 2

Análise da informação existente sobre a área (diagnósticos, dados censitários, monografias, enquetes, estudos de comunidade, teses, cartografia).

Nesse estudo há de se fixar a atenção sobre o tipo de marco teórico utilizado, as técnicas de pesquisa utilizadas para obter os dados, as hipóteses que porventura foram utilizadas. Convém fazer uma leitura crítica para poder concentrar-se sobre as informações mais relevantes e, se for o caso, reinterpretar os dados. Geralmente não existem estudos específicos sobre a área e os dados censitários ou são inexistentes, ou são demasiado genéricos ou já estão obsoletos.

Reinterpretando e analisando criticamente os dados existentes

Passo 3

Contatos com pessoas, grupos, órgãos, que tenham informação, conhecimento ou experiências diretas com a população.

Utilizar-se-ão exposições feitas por pessoas de experiência, entrevistas previamente estruturadas e ou discussões da equipe com outros grupos que atuam na área. É muito importante recolher informações sobre a **história econômica** da área, entendida não como simples cronologia, mas sim como:

A história local resgatada através dos próprios habitantes

- as crises que provocaram mudanças na produção;
- os movimentos migratórios e suas causas;
- os conflitos tanto econômicos e políticos, como familiares, ou entre grupos e classes.

Geralmente, as pessoas de maior idade, que sempre viveram no local relembram com maior facilidade os acontecimentos que provocaram certas transformações na área.

A entrevista estruturada não deve ser entendida como um questionário que se aprendeu de cóp e que se aplica estritamente, copiando as respostas tal qual elas são dadas; é mais

Características que as entrevistas com a população devem ter

Um instrumento de pesquisa destinado ao registro de impressões, ideias, reflexões

uma conversação para a qual se preparou um roteiro de questões (não de perguntas pré-formuladas).

A conversação segue seu próprio ritmo em liberdade e as perguntas se fazem na ordem e no momento que pareça mais oportuno. Se não houver inconveniente e o interlocutor estiver de acordo, convém gravar a entrevista em fita magnética (cassete), para que se possa, posteriormente, analisar com calma o produto da conversa.

Nesta fase já se começa a aplicar um dos instrumentos principais da metodologia: o Diário de Campo, para cujo uso dão-se algumas instruções em apêndice (Apd. 1). Cada investigador deve ter seu próprio Diário, o qual também pertence à equipe, podendo ser consultado por esta, quando for necessário. O registro da informação deve ser feito no Diário o mais rápido possível: ou durante a entrevista ou observação, ou imediatamente depois, para evitar que a memória distorça a observação, à medida que o tempo passa. O Diário não é um caderninho de anotações, endereços, poemas ou divulgações; é um instrumento da pesquisa, que se utiliza para anotar apenas as informações, observações e reflexões pertencentes ao trabalho da equipe. Convém, assim, que seja feito de material resistente e que tenha uma capa dura.

Passo 4

Reconhecimento sensorial da área.

Para este tipo de metodologia não basta ter um conhecimento abstrato da área de trabalho, obtido através de secundárias ou indiretas. Faz-se mister um conhecimento sensorial: percorrer a área, sentir seu clima e sua ecologia, familiarizar-se com as atividades da população, produtivas ou não.

Carece, pois, ir ao terreno, conversar com a população, palmilhar seus caminhos costumeiros, deixar-se penetrar por todos os sentidos.

Para os que estão envolvidos demais em um trabalho intelectual ou acadêmico, este passo é imperativo, pois:

Investigar uma realidade social não se esgota com a aplicação de instrumentos de pesquisa (questionários), mas requer também a observação sistemática de tudo quanto se refere às atividades dos homens concretos em relação com a natureza e em mútua relação.

A percepção sensorial, embora não seja absolutamente indispensável no processo de conhecimento científico, no nosso caso e dados os objetivos deste processo metodológico, sem dúvida alguma é fundamental para uma percepção adequada da realidade social.

Passo 5

Delimitação de uma área estratégica

Com base na informação recolhida e já tendo visitado e permanecido na área, a equipe buscará integrar suas observações, aplicando o Guia elaborado, para definir, pelo menos de maneira aproximada, os limites da área a ser trabalhada. Os critérios de seleção e delimitação obedecem também ao que se colocou antes: certa homogeneidade econômico-produtiva e sócio-cultural, possibilidades de irradiação e articulação com outras áreas.

Passo 6

Seleção da(s) Unidade(s) Específica(s)

Por Unidades Específicas de trabalho entende-se uma agrupação humana, com alguma organicidade em sua interação, ou em outras palavras, pelo menos com um certo começo de organização. Ela pode ser uma comunidade natural ou local, um bairro, um povoado, uma cooperativa de pequenos produtores, uma associação. De acordo com as possibilidades da equipe (tempo disponível para o trabalho, tamanho da equipe, experiências em outras áreas) há de se escolher uma ou mais Unidades Específicas. Os critérios de seleção serão ainda os mesmos que antes: homogeneidade, relevância das atividades produtivas aos quais há de se acrescentar outro ainda mais importante, a experiência anterior da Unidade Específica no que se refere à luta ou defesa de seus interesses, seu esforço de organização e até mesmo as ações coletivamente desenvolvidas para resolver alguns de seus problemas. Já que se deseja que a ação ali desenvolvida se irradie a outras unidades vizinhas, é importante que a Unidade Específica não esteja isolada física ou culturalmente das outras.

Em apêndice (Apd. 2), como exemplo, oferece-se um roteiro de seleção de unidade específica, confeccionado durante uma das experiências, no qual se combinam vários critérios para chegar a uma seleção final. Nem sempre é possível, ou

O que são "unidades específicas"? Como selecioná-las?

menos desejável chegar a este grau de sofisticação. É, porém, importante que toda decisão tomada pela equipe que tenha que ver com a ação a ser desenvolvida, o seja de forma consciente com base em critérios escolhidos, tendo-se em mira os objetivos da ação e os supostos teóricos da metodologia.

Fase C:

Aproximação a(s) Unidade(s) Específica(s)

Divide-se em cinco passos:

Passo 1:

Reconhecimento sensorial da Unidade Específica;

Passo 2:

Contatos com Dirigentes e Autoridades;

Passo 3:

Participação nas atividades produtivas e na vida sócio-cultural da população;

Passo 4:

Identificação dos grupos, e contatos com eles;

Passo 5:

Seleção ou Conformação de grupo(s) estratégico(s) para a investigação.

Uma das preocupações mais persistentes dos que querem trabalhar com comunidades, rurais, para desenvolver junto com elas, ações de mudança ou programas educativas, refere-se a como aproximar-se delas e como fazer-se delas: em outros termos, como inserir-se na vida daquelas populações, para poder, desde o seu interior, promover as ações que se pretendem desenvolver.

A preocupação não deixa de ser legítima e o objetivo desta fase é precisamente chegar a essa inserção real, é participar no sentido de fazer-se parte da trama diária da vida da população, deixar de ser um agente totalmente externo, podendo destarte atuar junto a elas em função de sua própria dinâmica. A inserção visa também chegar a descobrir grupos que sejam estratégicos para o tipo de trabalho educativo que se quer desenvolver ou, no caso de não existirem tais grupos, tentar que eles se formem, para que através deles a Unidade Específica participe das tarefas de investigações de sua própria realidade. Seguem-se os passos que se sugerem para alcançar os objetivos desta fase.

A inserção numa comunidade é possível, mas apresenta uma série de dificuldades a serem superadas

Passo 1 Reconhecimento sensorial da Unidade Específica,

O que se recomendou acima com respeito ao reconhecimento sensorial da área é ainda mais válido neste passo. É preciso familiarizar-se com a paisagem física, econômica e humana da Unidade Específica, seja ela qual for, deixar-se impregnar por suas imagens, dos seus cheiros, de seus movimentos, do seu ritmo-biológico e social. Para isso não bastam rápidas visitas; carece estar lá, tanto de dia como de noite, nos dias úteis e nos feriados, nos momentos de trabalho e de lazer, nas celebrações rituais tanto festivas como de luto.

Neste momento, o Diário de Campo, assume em plenitude o seu papel de um dos instrumentos apropriados a pesquisa. A fotografia, o desenho, o croquis, a gravação são outros tantos meios para registrar o acionar permanente desta comunidade humana.

Já deveria estar muito claro que a equipe de trabalho a estas alturas deveria funcionar realmente como equipe integrada, tendo suas atividades programadas de tal modo que, periódica e sistematicamente possa se reunir para socializar suas vivências, percepções, reflexões, interrogações e problemas.

A integração das observações individuais registradas no Diário de Campo, faz-se mediante um segundo instrumento da metodologia e que se denominou Ficha de Descoberta. Esta representa um instrumento de pesquisa, de caráter coletivo, que o grupo usa para sistematizar sua observação em três níveis de aprofundamento: um primeiro nível descritivo e morfológico; um segundo analítico-redutivo e um terceiro histórico-genético. Em apêndice, (Apd. 3) dão-se instruções para a aplicação deste instrumento de pesquisa. No entanto, ele não será aplicado eficazmente se o grupo ainda não se integrou como grupo humano (no sentido da interação e dos objetivos comuns) e se não planejou sua ação de modo a ter os momentos necessários para intercambiar as informações, sistematizá-las e analisá-las criticamente. A socialização do conhecimento que há de se dar através das Fichas de Descoberta permite o desenvolvimento lógico da atividade investigadora, facilitando as fases ulteriores do processo.

Todos os tipos de registro devem ser mobilizados

A Ficha de Descoberta: integrando e socializando as observações individuais

Sem eia as fases que se seguem far-se-ão mais problemáticas, devido a grande quantidade de informação recolhida, sua homogeneidade e seu caráter relativamente fragmentário.

Passo 2.

Contatos com Dirigentes e Autoridades.

Este passo, bem como os dois que o seguem, dão-se de forma simultânea. Já no momento do reconhecimento sensorial deve-se entrar em contato com os que costumeiramente são chamados de "líderes", aos quais preferimos chamar de dirigentes. Alguns têm um caráter institucional ou formal: são as autoridades locais, os notáveis, ou líderes formais. Outros são figuras de influência e poder, ou prestígio.

Não se deve prescindir de tal contato, já que em muitas comunidades locais, sobretudo as rurais, este contato representa a legitimação prévia para qualquer outro tipo de contato com a população, ou para atividades posteriores. Com isto não se quer dizer que a equipe desenvolverá seu trabalho com eles ou a partir deles. Trata-se de **não começar contra eles**; de não incompatibilizá-los com a equipe, o que poderia truncar toda possibilidade de trabalho futuro. Devemos lembrar que a **pesquisa-ação trabalha com grupos, não com líderes**. Sempre que for possível, sem prejuízo do trabalho, deve-se incorporá-los ao grupo; mas o **objetivo é trabalhar com grupos, fortalecer os grupos, para que deles surjam os líderes no seu sentido mais próprio da palavra (*)**.

O contato se faz mediante visitas, nas quais eles serão informados sobre o propósito de estudo que tem o grupo. Aproveitar-se-á da visita para obter deles o máximo de informação sobre os grupos existentes, a forma de organização que eles têm, os problemas que na sua visão são prioritários para a população local. Se a equipe está ligada a uma instituição, pode-se falar também dos objetivos institucionais e solicitar-lhes a colaboração. Frequentemente, é preferível entrar em uma povoação através de contatos com pessoas que são reconhecidas como tendo interesse na solução dos problemas locais, mesmo que não tenham funções formais,

O contato com as lideranças formais e/ou figuras de prestígio locais é uma tentativa de evitar incompatibilizá-los com a equipe

Como fazer o contato e qual o seu conteúdo

(*) Cf. do autor: "Trabalho com Grupos e Mobilização Comunitária", sobre o conceito de líder, como função do grupo.

nem exerçam autoridade funcional (v.g., os professores rurais não raro, são as pessoas assim, visto o conhecimento que têm das famílias, através das crianças).

Passo 3 Participação nas atividades produtivas e na vida socio-cultural da população

De toda esta fase do trabalho, este passo é o mais crucial. Durante os doze anos de experiência, no desenvolvimento da metodologia, sempre que se tomou com seriedade este passo, a aproximação e a inserção fizeram-se fáceis, quase naturais e todo o resto da experiência foi facilitado. Quando falamos de participação na atividade produtiva não estamos utilizando uma metáfora: não estamos brincando de participação: queremos dizer tomar parte direta no trabalho da produção material, que se realiza na população, ou melhor, que esta realiza para garantir sua subsistência. Não se trata apenas de visitar as pessoas, durante as horas de trabalho. Significa trabalhar realmente com eles nas tarefas que executam na lavoura, cuidar do gado ou dos animais domésticos.

A essa participação geralmente se opõem os profissionais, com os mais variados argumentos: "os camponeses não querem que trabalhemos", "seria melhor dedicar nosso tempo a atividades mais importante de pesquisa ou estudo", "não somos nem nunca seremos camponeses", "é uma atitude populista, campesinista".

A participação, entendida como intervenção no trabalho e não como observação deste, é necessária por várias razões:

Em primeiro lugar

o trabalho é a atividade fundamental de toda comunidade humana. Sem tomar parte nela não podemos conhecê-la, apreendê-la com a atividade, a práxis humana por excelência. O estudo da percepção, do pensamento e da linguagem de uma comunidade não pode prescindir do estudo, do trabalho e da participação nele. Não se há de esquecer que uma comunidade de trabalhadores passa a maior parte do tempo ocupada nessa atividade. A interação simbólica, as comunicações, as interrelações que se dão durante o processo de trabalho não se repetem em outro ambiente. É preciso estar aí e envolver-se para conhecê-lo.

Étapa crucial: o coletivo trabalhar, de fato, com e como a população local

Há muitas críticas a um trabalho participativo com essas características

Há algumas justificativas que referendam a necessidade de "viver" a unidade específica

Em segundo lugar

É mister estabelecer com a unidade específica uma relação realmente horizontal, dialógica, no plano da educação. Os profissionais e técnicos, são vistos pela população rural como doutores ou professores. Essa percepção prévia a qualquer contato direto, frequentemente não-consciente, não se romperá unicamente mediante a interação verbal, com palavras.

Na situação de trabalho, o profissional que não tem a habilidade manual para o uso dos instrumentos e ferramentas de trabalho, põe-se concretamente em situação de aprendizagem, quer dizer, torna-se educando, aprendiz.

Isso tem muito mais força do que dizer aos camponeses que eles também são mestres e podem nos ensinar; **cria-se a relação real que rompe com o preconceito.** Em outros momentos o camponês também será educado, aprendiz e o profissional professor e mestre.

Finalmente, uma razão histórica: em nossas experiências a participação no trabalho produtivo sempre representou a porta que abria a comunidade para a equipe, a fim de que ela participasse de todas as outras atividades sócio-culturais da unidade específica, para que as unidades familiares também se nos abrissem. Pois, parecia dizerem os camponeses, se eles se colocam de igual para igual conosco no trabalho que é a nossa práxis principal, como fechar-lhes outras portas? ou no dizer de um camponês da República Dominicana:

"Muitos técnicos passam por aqui; outros chegam até a visitar-nos em nossos roçados; vocês foram os primeiros e únicos que trabalharam conosco".

Participar nas atividades produtivas de que desenvolve a unidade específica não é, pois, um luxo, nem uma atividade sentimental, populista e sim **um ato metodológico, necessário** para apreender a realidade social do trabalhador do campo, desde a atividade básica que constitui sua práxis fundamental, o trabalho.

Deve-se ter o cuidado para não interferir negativamente nas atividades que se levam a cabo, mesmo que os membros da unidade específica solicitem uma opinião técnica, é preferível perguntar-lhes como acham que devem proceder,

Existe, inclusive, uma razão histórica que justifica a importância de um contato mais profundo com as atividades da população

em vez de dar imediatamente uma aula ou explicação técnica. Ainda se está numa fase muito preliminar do trabalho, em uma fase de observação, para querer ensinar. Além disso é o momento de aprender. É preciso, portanto, ter o cuidado de observar, indagar e aprender para, logo que for possível, registrar no Diário de Campo tudo o que vai acontecendo, incluindo as interrogantes próprias que surgem da participação.

Observe-se com cuidado a linguagem utilizada durante a situação de trabalho, pois será impossível registrá-la em outra situação.

Na medida do possível, a participação no trabalho será algo regular, normal, combinado com a população: não há de ser alguma coisa esporádica, mais de caráter turístico ou esportivo. Ela é parte de todo um processo de inserção na realidade e deve durar todo o tempo que a equipe permanecer na localidade.

Passo 4 **Identificação dos grupos existentes e contatos com eles.**

Todo agrupamento humano tem seus próprios grupos. Grupos familiares e para-familiares, grupos de amigos, grupos religiosos e esportivos, grupos de interesse. Trata-se de descobri-los e verificar até que ponto podem ser integrados à investigação que se leva a cabo. Para isso serve a observação participante na comunidade e as entrevistas que se tem com membros da localidade. No caso de não se encontrarem grupos já organizados, ou da impossibilidade de se integrarem à pesquisa, faz-se necessário formar alguns grupos de adultos, pertencentes à unidade específica. Para tal propósito, utilizar-se-à a motivação que pode despertar a discussão de problemas sentidos pela população, convocada por contatos pessoais dos membros da equipe. Se se dispuser de alguns meios áudio-visuais (cinema, diapositivos, vídeo-cassete, e outros) eles podem ser utilizados como motivação para começar as reuniões dos grupos. Se a equipe é parte de uma instituição, pode-se começar pela discussão dos objetivos institucionais, os projetos da instituição, ou os problemas com os quais a instituição trabalha.

Sempre que for possível, deve-se partir das organizações existentes, sobretudo as que se formam, ainda que de maneira

Atividade de turismo: é trabalho constante, regular, consistente

Observação participante e a aproximação dos grupos existentes

temporária, ao redor da produção, tais como mutirões, trabalho comunitário, bolsões da seca: ou ainda, das formas mais desenvolvidas, como os grupos cooperativos e associativos, os sindicatos, as associações comunitárias, ligas, etc.

Passo 5 **Seleção ou Conformação de grupo(s)** **estratégico(s) para a investigação.**

Se no passo anterior buscava-se identificar os grupos já existentes, agora trata-se de escolher, para o trabalho de pesquisa, aqueles que por sua posição de criadores diretos da riqueza social (trabalhadores) poderão assumir um papel essencial nos processos de transformação estrutural da sociedade. Entre eles, e somente entre eles, pode dar-se uma verdadeira comunidade, de interesses, objetivos e ações. Como seu caráter estratégico vem-lhes precisamente de sua posição na produção, suas relações de produção devem ser relativamente homogêneas, ou pelo menos, não podem representar relações antagônicas. Uma das razões para tal é que, ao não ser possível trabalhar com toda a população, os que participam desta ação não devem irradiar para outros grupos que se encontram na mesma posição estrutural, a ação educativa que eles realizaram com a equipe.

Isso supõe por parte dos membros da equipe uma interação permanente, através da qual se integrarão as distintas observações individuais, para se chegar a uma seleção correta dos grupos realmente estratégicos.

Serão identificados os grupos que, posteriormente, difundirão o que for aprendido no decorrer do trabalho conjunto com a equipe da Pesquisa-Ação

FASE D:

INVESTIGACIÓN PARTICIPANTE
DE LA PROBLEMÁTICA Y
DE LA PERCEPCIÓN DE LA
UNIDAD ESPECÍFICA.

Passo 1

Sistematização da informação recolhida na fase anterior, com participação de membros da unidade específica.

Toda a informação recolhida na fase anterior, mediante a observação participante, a participação na vida produtiva e socio-cultural da população, e que já se encontra de certa forma condensada nas Fichas de Descoberta, é sistematizado para se obter uma visão de conjunto dos processos objetivos, da problemática da unidade específica: esta constitui o dado básico a partir do qual se continuará o processo de pesquisa. A essas alturas do trabalho, a equipe de pesquisa já deve ter integrado àqueles membros da unidade, que por seu interesse, motivação, conhecimentos e experiências, podem trazer uma contribuição efetiva à pesquisa. Dizendo de outra maneira, a equipe de pesquisa já deverá estar constituída, também, por membros da unidade específica. A participação destes serve como um fator de correção sobre a informação recolhida pela equipe.

Para a sistematização, utilizam-se os conteúdos do Diário de Campo, o Roteiro ou Guia de Observação e, sobretudo, as Fichas de Descoberta. O trabalho se faz inicialmente em grupos pequenos e depois em reuniões de toda a equipe.

Passo 2

Elaboração dos Códigos de Investigação.

Códigos de Investigação são representações, gráficas ou audio-visuais, de situações reais (também chamadas situações existenciais), que facilitem o despertar do diálogo nos grupos de pesquisa. São códigos porque de certa forma são mensagens cifradas, que partem da problemática e permitem desvelar a percepção do grupo, mediante mecanismos de projeção ideológica. Em apêndice (Apd. 4) dão-se instruções para a elaboração dos Códigos de Investigação. Anote-se somente a necessidade da participação dos membros da unidade específica na construção dos códigos, já que os elementos concretos, com que são elaborados, eles, melhor do que ninguém, podem proporcionar. Do contrário corre-se o risco de recorrer a símbolos alheios à realidade sócio-cultural da população em questão. O Código de Investigação é também um instrumento de pesquisa; em sua construção, por conseguinte, requer-se rigor e coerência lógica

Inicia-se, aqui, uma nova sistematização de informações

O que são e como funcionam os Códigos de Investigação

com quanto se pode apreender e sistematizar da realidade estudada.

Passo 3

Realização dos Círculos de Pesquisa

Os Círculos de Pesquisa representam o ponto culminante do Momento Investigativo. São, mais do que reuniões, dinâmicas de grupo realizadas com grupos estratégicos, nas quais, a partir de um código pré-elaborado, procura-se, em um primeiro plano, confrontar a informação até então recolhida e sistematizada pela equipe, através de contatos individuais, com a informação que detem o grupo estratégico. Trata-se de uma espécie de verificação da informação. Frequentemente, dá-se uma ampliação da informação ou sua inclusão em contextos mais amplos. Por outro lado, em um segundo plano, procura-se detectar o grau de consciência que os componentes do grupo têm de sua realidade, tal como está representada no código. O Círculo de Pesquisa é também um instrumento de auto-investigação e de investigação participativa, coletiva de uma realidade, com partilhada pelos membros do grupo.

A dinâmica de grupo que se utiliza no Círculo de Pesquisa aproxima-se um pouco da maieutica socrática. O coordenador do círculo não ensina, não dá respostas prontas; ele é parteiro, o grupo é parturiente. Questiona-se, pergunta-se, indaga-se, devolvem-se ao grupo as perguntas que este faz ao coordenador, transforma-se em perguntas as afirmações categóricas dadas pelo grupo. Não é uma aula, nem conferência, não se tem o propósito de ensinar, mas de descobrir; avançar no conhecimento dos processos reais e na percepção que deles têm os membros do grupo.

Em apêndice (Apl. 5) dão-se instruções mais detalhadas sobre como preparar e conduzir a dinâmica de um Círculo de Pesquisa.

Observe-se que nem sempre o Círculo de Pesquisa se dá; ele não é automático. Às vezes, por deficiências do coordenador, outras, por causa do código, e frequentemente pelas mesmas condições objetivas do grupo, não se consegue que a reunião seja realmente um Círculo de Pesquisa. Às vezes, o Círculo de Pesquisa reduz-se, tão somente, a um questionário ou entrevista grupal. Não há porque desanimar: são acidentes ou falhas de toda a pesquisa. É preciso analisar o porque das

*O Círculo de Pesquisa
é visto como um
momento de aprofun-
damento (re)des-
coberta da realidade e
dos locais*

*O Círculo nem sempre
se dá; ele não é automático,
às vezes, por deficiências do
coordenador, outras, por causa
do código, e frequentemente
pelas mesmas condições
objetivas do grupo, não se
consegue que a reunião
seja realmente um Círculo
de Pesquisa. Às vezes,
o Círculo de Pesquisa
reduz-se, tão somente,
a um questionário ou
entrevista grupal. Não há
porque desanimar: são
acidentes ou falhas de
toda a pesquisa.*

falhas ou antes do insucesso, corrigir as falhas e retomar o círculo em outro momento.

o) Círculo de Pesquisa. nesse processo de aproximações sucessivas representa uma devolução à comunidade de trabalhadores de tudo quanto foi recolhido nas fases anteriores e na observação participante.

Não se trata de devolução de conhecimento como produto cristalizado. Nos círculos produz-se-á novo conhecimento ou pelo menos retificação de informações adquiridas antes. Por isso, todo cuidado é pouco para que esse instrumento coletivo de pesquisa seja aplicado conscienciosamente e com rigor.

Passo 4 **Registro detalhado do material produzido nos Círculos de Pesquisa**

Mesmo que o registro dos círculos se faça, concomitantemente com a sua realização (por exemplo, mediante gravação em fita ou cassete) separamo-lo, como passo, para ressaltar-lhe a importância. O registro, sempre que possível, far-se-á em fita magnética. Às vezes, por razões de prudência, a equipe de pesquisa não quer que o diálogo do grupo fique registrado. O mais das vezes não há objeções e deve acontecer a gravação. Não fazendo-se a gravação, deverá haver sempre alguém da equipe, que não o coordenador do círculo, para tomar notas, o mais detalhadas possíveis, do conteúdo do diálogo e de tudo o mais que ocorre no círculo. Por isso, será preferível mais de uma pessoa, uma que transcreva os conteúdos, outra para acompanhar a dinâmica que se dá entre os participantes e a conduta do coordenador.

Durante todas as fases que precederam, um dos objetos de observação, registro e estudo foi a **linguagem da população**. **Muito da eficácia do processo educativo posterior dependerá desse material corretamente analisado e ajuizadamente aproveitado**. Mas a observação, nas fases anteriores, é feita através de contatos individuais, que torna possível estudar somente o vocabulário, ou expressões peculiares à região. Somente com os Círculos de Pesquisa pode-se estudar verdadeiramente o **discurso dos participantes e através dele, a lógica do seu pensamento**.

Verificando o discurso dos participantes para chegar à lógica do seu pensamento

Isso é indispensável sobretudo para poder captar o significado real dos termos utilizados. Ao se tratar, em mais de um grupo, um certo número de temas, tratando-se de ver como os trabalhadores explicam seus problemas, pode-se detectar, no discurso produzido, a lógica peculiar concreta de que falamos em um dos nossos trabalhos. É por isso que a gravação em fita é importante: uma vez transcrita minuciosamente e com toda fidelidade, o discurso poderá ser estudado. As fitas deverão ser transcritas pelos membros da equipe que tomaram parte no círculo e depois estudadas e analisadas em grupo, com o fito de extrair delas os aspectos e partes relevantes para o trabalho educativo posterior.

Passo 5 **Sistematização do material produzido nos** **Círculos de Pesquisa**

Que destino terão as informações recolhidas nos Círculos de Pesquisa?

De certa forma, o material já é produzido com certa sistematização que lhe advém dos temas codificados e analisados nos círculos. Além disso, o material das fitas, ou das notas dos observadores ou de ambos, sofrerá uma classificação e seleção, sendo assim preparado para tratamento ulterior de tipo teórico, no momento da tematização. As novas informações obtidas deverão ser incorporadas às Fichas de Descoberta assim como estas deverão ser utilizadas para sintetizar e por em ordem cada um dos temas discutidos. As mesmas fichas servirão, na parte correspondente, para classificar o material linguístico e as formas de raciocínio lógico que se descubram no discurso produzido nos círculos.

Momento II: Tematização

Divide-se em três fases:

Fase A:
Redução Teórica;

Fase B:
Redução Temática;

Fase C:
Elaboração de um Programa Pedagógico.

No movimento dialético da metodologia, este momento representa a volta reflexiva, em níveis mais altos de abstração, para reelaborar o conhecimento adquirido até agora, a fim de poder orientar a ação educativa a desenvolver-se no momento seguinte. A equipe pensa a experiência acumulada e o conhecimento adquirido e produz um conhecimento mais abstrato, mais teórico, confrontando os elementos de observação e informação de que dispõe com o quadro teórico

previamente elaborado. Este plano, porém, é também mais concreto, posto que a teoria e as hipóteses do quadro anterior são confrontadas com os elementos da realidade, tal como foram captados, mediante o processo investigativo. Em outro plano a equipe, com a participação dos membros da unidade específica reflete sobre outro tipo de dados produzidos nos círculos: as manifestações da consciência, a forma como a realidade se representa na consciência dos sujeitos dessa mesma realidade. Observe-se a dialética dos dois planos: uma teorização que concretize um quadro teórico, a enfrentar-se com um conteúdo de consciência, objetivado e sistematizado.

Esta confrontação entre teorização e percepção tem o objetivo de detectar nesta última, os vazios e distorções que nela se introduzem a partir da prática concreta dos grupos, das relações de trabalho diretamente experimentadas pelos sujeitos e como efeito da ideologia atuante que oculta e legitima as condições concretas de existência dos membros da unidade específica.

Esta confrontação entre realidade objetiva e percepção subjetiva tem que ser superado; o meio para superá-lo encontra-se na elaboração de uma temática, que se faz ao mesmo tempo uma proposta pedagógica. A temática será composta pelos "temas geradores", organizados pedagogicamente como visão de totalidade, em um programa educativo. Os objetivos do Momento II fluem, pois, dessa confrontação dialética: elaborar teoricamente a realidade, confrontá-la com a percepção sistematizada do grupo, desvelar as contradições existentes entre realidade e percepção, e finalmente buscar sua superação mediante uma tematização que é um programa ou proposta pedagógica. Esse movimento dialético se realiza em três Fases.

Fase A:

Redução Teórica

Divide-se em quatro passos:

Passo 1:

Identificação dos elementos que compõem os processos objetivos;

Passo 2:

Identificação das relações existentes entre os componentes e análise das contradições;

Passo 3:

Estudo do Modo de Produção dominante e a determinação por ele exercida sobre os demais;

Passo 4:

Elaboração de um documento sobre a Teorização;

Tentar uma compreensão mais totalizadora sobre a unidade específica, através de aproximações sucessivas

O objetivo desta fase é, para a equipe de pesquisa, tentar uma compreensão mais totalizadora dos processos reais dessa agrupação humana, histórica, identificando os **componentes** dos processos e sobretudo as **relações** existentes, bem como o **movimento das contradições** que se dão entre elas.

Nem sempre consegue-se, de imediato ou com facilidade, os planos mais elevados de explicação e compreensão. Muitas limitações se antepõem a isto, tanto no que diz respeito à informação disponível, como, e sobretudo, no manejo adequado das categorias teóricas necessárias para alcançar esta compreensão. O método, como já foi dito, caminha por aproximações sucessivas:

- para cada informação recolhida há inicialmente uma reflexão individual;
- em seguida esta informação é integrada a um instrumento coletivo que também leva a uma reflexão teórica sobre seu significado (Ficha de Descoberta).

Nesta fase, o conjunto das informações anteriores é **reelaborado teoricamente**, com o instrumental teórico, para

produzir uma teorização, que não é outra coisa senão a realidade representada teoricamente.

A teorização é um esforço de inserir uma agrupação humana concreta numa determinada formação econômico-social. Daí sua preocupação com as contradições, tanto principais como secundárias. Isso ajudará a compreender a dinâmica do social e descobrir as possibilidades de ação que esta dinâmica oferece.

Quanto aos passos, eles se desdobram como se explica a seguir:

Passo 1 **Identificação dos elementos que compõem os processos objetivos.**

Para isto são importantes as categorias de **Modo de Produção**:

- forças produtivas e relações de produção;
- grau de desenvolvimento das forças produtivas e sua relação contraditória com as relações de propriedade;
- a estrutura das relações de poder;
- a atuação do Estado e de seus aparelhos;
- a organização das classes sociais.

Esses componentes serão analisados de forma **sincrônica e diacrônica**, enquanto processo histórico. Toda a informação que se obteve sobre a história econômica, o relato de suas lutas e reivindicações podem ajudar a descobrir os movimentos deste processo. Outro conjunto de informações importantes é o que revela o **sistema de conexões existentes entre a unidade específica e o contexto regional, nacional e internacional**.

Passo 2 **Identificação das relações existentes entre os componentes e análise das contradições.**

Nesta fase dar-se-á maior ênfase às categorias teóricas daquilo que se chama formação econômico-social: é preciso relacionar a unidade específica com a formação econômico-social da região. Buscar-se-á identificar os mecanismos con-

Teorização voltada para compreensão da dinâmica do social e para a descoberta das possibilidades de ação nessa dinâmica

cretos através dos quais se dá a produção e a apropriação do valor, a constituição dos grupos sociais, enquanto concreções históricas das classes sociais e as contradições existentes entre eles.

Passo 3

Estudo do Modo de Produção dominante e a determinação por ele exercida sobre os demais.

O estudo se propõe compreender como um **Modo de Produção** se articula com outros modos, o que permanece destes outros modos e como as relações dominantes permitem extrair o trabalho ou o excedente de alguns grupos para concentrá-lo em outros. Deverá também detectar os mecanismos jurídicos e estruturas políticas que compõem a formação econômica e como se expressam concretamente no nível da unidade específica.

Deverá deter-se sobre as formas das relações, originadas no passado e que subsistem ainda redefinidas pelas relações dominantes. Poderá chegar até à superestrutura ideológica, verificando como aquilo que se chama "cultura" da população, está relacionado com esta, sobretudo quando através do discurso se fala da causalidade e das explicações.

Passo 4

Elaboração de um documento sobre a Teorização.

A Teorização não deve ficar simplesmente como um trabalho verbal ou mental da equipe. Carece fazer o esforço de escrevê-la para que, objetivando-se, se transforme em instrumento de trabalho a ser utilizado nas fases posteriores da metodologia.

Nossas experiências nos dizem que, via de regra, as equipes resistem em fazer e sobretudo, em escrever a teorização, por várias razões. Teorizar, isto é, ver uma realidade em termos de uma totalidade, não é de modo algum uma tarefa fácil. Exige muito esforço por parte da equipe. Há também motivos ideológicos, não necessariamente conscientes, que dificultam o trabalho teórico: este ao despir uma realidade de suas aparências, de certa forma despe também aqueles que dela fazem parte.

O passado dando as respostas necessárias ao presente

Este passo traz o instante mais difícil da metodologia, pois, uma vez despida a realidade, despoem-se também aqueles que dela fazem parte

É talvez, a parte mais difícil da metodologia, mas não deve ser negligenciada, pelo peso que tem no trabalho. Na dialética pensamento-conhecimento-praxis, representa um momento essencial, aquele que permitirá fazer da ação uma prática (praxis), que funde e integra teoria e ação. É nossa crença que muitos erros evitar-se-iam, mesmo na praxis política, se os quadros políticos tivessem uma preparação mais adequada no domínio da teoria e fossem capacitados para pensar mediante o uso de categorias teóricas, elaborando de forma sistemática e intencionada sua teoria em permanente conjugação com os processos reais e com sua praxis.

Fase B:

Redução Temática

Divide-se em cinco passos:

Passo 1:

Identificar os elementos presentes na percepção dos grupos;

Passo 2:

Identificar conjuntos de elementos conformando temas de importância para a consciência dos grupos;

Passo 3:

Detectar o grau de relacionamento entre os temas percebido pelos integrantes dos grupos;

Passo 4:

Verificar o tipo de explicação dada aos fenômenos e fatos sociais;

Passo 5:

Comparar o conteúdo das percepções com a teorização

Esta fase do trabalho se centra sobre a percepção dos grupos humanos, isto é, a forma como certos grupos vêem ou representam para si sua realidade. Tenta-se detectar os níveis desta percepção da realidade social para poder compará-la com a teorização anterior. A comparação permitirá determinar até que ponto a consciência dos grupos se afasta de uma realidade, vista de modo mais totalizante, o que permitirá descobrir o jogo da ideologia dominante. Isto ajudará, também, a compreender a conduta dos indivíduos e dos grupos com que se está lidando. O trabalho de confrontação permitirá outrossim discernir os interesses objetivos de classe, dos interesses individuais e particulares. Este esforço ajudará a equipe a desenvolver sensivelmente sua capacidade crítica, ajudando-a a separar o que é aparente e imediato do que é objetivo e real.

Nesta fase identificam-se os chamados "temas geradores", entendidos como conjunto de elementos importantes da per-

percepção do grupo, dos quais se há de partir para iniciar pedagogicamente um processo de desenvolvimento da consciência. Para alcançar o que a Fase propõe, sugerem-se os passos seguintes:

Nesta fase identificam-se os chamados "temas geradores", entendidos como conjunto de elementos importantes da percepção do grupo, dos quais se há de partir para iniciar pedagogicamente um processo de desenvolvimento da consciência. Para alcançar o que a Fase propõe, sugerem-se os passos seguintes:

Passo 1

Identificar os elementos presentes na percepção dos grupos:

Por elementos, entendemos as unidades menores da realidade social, como por exemplo, os instrumentos e objetos de trabalho; o trabalho como gasto de energia humana na produção; a unidade familiar, e outros. Trata-se de verificar se estes elementos são percebidos, como são percebidos, se eles estão relacionados, como são relacionados pelo grupo. A análise de conteúdo praticado sobre o material recolhido, principalmente nas gravações ou registros dos Círculos de Pesquisa.

Sobre as unidades menores da realidade social

Passo 2

Identificar conjuntos de elementos, conformando temas de importância para a consciência dos grupos.

É preciso estudar como os elementos simples, acima identificados, se integram, se associam para constituir um tema. Por exemplo, como as relações, tais como vistas pelo grupo, entre os instrumentos de trabalho, a terra, e a unidade familiar, chegam ou não a conformar um tema como "o trabalho da terra". Como este tema, por sua vez, mantém algum tipo de relação com outro tema como o da "escola".

O tema gerador sempre tem alguns elementos ou componentes de caráter sensível, vivencial, percebido pela consciência, ao redor do qual se amarram ou gravitam os outros elementos, dando-lhes um sentido. Frequentemente, este tema poderá ser representado por um signo verbal, um vocábulo, uma palavra. O tema, porém, não se esgota no signo verbal;

ele tem um caráter globalizante, através do qual os elementos passam a ser parte do significado. Este caráter, no entanto, não é fixo ou permanente, já que a amarração do tema, enquanto conjunto de significações, com a realidade em movimento dialético, faz dele algo mutável. Por isso, um determinado tema pode ser significativo em um certo momento do processo de trabalho, para deixar de sê-lo num momento posterior da praxis produtiva.

O fato de termos afirmado que os elementos em conjunto constituem o tema, não nos deve levar a crer que os grupos com que se trabalha distinguam e diferenciam os componentes do tema, e ainda menos, que relacionam seus componentes entre si. Frequentemente, o caráter totalizante do tema sobrepassa e de certa forma dilui o caráter específico de cada um dos componentes.

Os temas geradores, por sua amarração com o concreto sensível, com o imediato e o cotidiano, são fundamentais para o trabalho educativo, que deles deverá partir; pedagógico significa partir do sensível para o mais abstrato, de que é percebido ao que está ainda oculto.

Passo 3
Detectar o grau de relacionamento entre os temas percebido pelos integrantes dos grupos.

Muitos temas estão objetivamente relacionados entre si. Por exemplo, produção e saúde, trabalho familiar e escola. Trata-se de descobrir que tipo de **conexões entre temas** são percebidas pelos membros dos grupos com que se está trabalhando, de tal modo que através destas conexões possa armar-se a estrutura temática, isto é, o conjunto de temas relevantes para a percepção.

Passo 4
Verificar o tipo de explicação dada aos fenômenos e fatos sociais.

As relações de causalidade atribuídas a fenômenos e fatos da realidade são importantes, na medida em que dão significação à esta, levando os sujeitos a construir uma visão globalizante da mesma.

Ao que os integrantes da unidade específica atribuem as causas dos fatos que interferem no seu dia-a-dia

É, portanto, necessário analisar o tipo de explicação que se atribui aos fatos e acontecimentos, às condições materiais em que se trabalha, ao destino e apropriação dos produtos. Esta é a razão por que, nos Círculos de Pesquisa, dá-se tanta ênfase aos questionamentos, aos porquês. A análise dos materiais produzidos deve prestar atenção às cadeias causais ou às causações circulares. Tais elementos poderão levar a compreender as raízes ideológicas de muitas atitudes de resignação, de comportamentos passivos, sobretudo quando as causas últimas da situação concreta são transpostas para domínios extra-terrenos ou mágicos, **que escapam à possibilidade de ação dos sujeitos da realidade.**

Outra abordagem fecunda é ver como as contradições e oposições da realidade social se encontram representadas na percepção: frequentemente elas, ao não serem vistas como relação são admitidas lado a lado, de forma contraditória, como explicações válidas. Tais situações podem ser muito férteis para desenvolver nos sujeitos um tipo de consciência mais crítica de sua própria realidade.

Até aqui se desenvolve a **análise da percepção dos grupos.**

Passo 5

Comparar o conteúdo das percepções com a teorização.

Esta comparação deve ser feita de forma sistemática, para poder captar até onde vai a aproximação ou o afastamento da consciência e realidade. Este afastamento pode ser apenas uma insuficiência, um simples distanciamento, como pode ser uma distorção.

Em certos casos, há uma compreensão incompleta, por exemplo, quando de uma contradição real só se capta **um dos pólos, ou ambos os pólos mas sem a relação que os constitui.** Pode-se utilizar aqui a analogia do "quebra-cabeças", ao qual faltassem algumas peças importantes. O modelo mais completo seria a teorização: a percepção sempre tem peças faltantes. Os vazios, as distorções, a ausência de relação onde ela deveria estar, as falsas explicações, de caráter mágico ou ingênuo, os fetiches, todos dão a medida do trabalho educativo que há de ser necessário para aproximar consciência e realidade.

Todo grupo tem uma forma própria - e, por isso mesmo, reveladora - de justificar as contradições de sua realidade social

Verificando sistematicamente até onde vão os limites do afastamento entre a consciência da população e sua realidade

Neste sentido, educar é criar condições para que os sujeitos completem seu próprio "quebra-cabeças", que passem a ver a realidade com olhos menos enevoados, que despojem sua realidade dos véus com que a ideologia dominante os recobre:

Isto, para tentar uma ação de transformação com possibilidades de êxito. Ninguém pode mudar a realidade social partindo de fantasmas. Dom Quixote que via gigantes onde só havia moinhos de vento sofreu as consequências de suas ações visionárias. Pior ainda é a derrota dos que vêem bondade onde na verdade e objetivamente existe é exploração.

Fase C:

Elaboração de um Programa Pedagógico

Divide-se em quatro passos:

Passo 1:

Construção das unidades pedagógicas centradas sobre cada tema gerador;

Passo 2:

Elaboração dos códigos para os temas geradores;

Passo 3:

Confeção de material didático;

Passo 4:

Treinamento dos coordenadores para realização dos Círculos de Estudos.

Do trabalho comparativo que a equipe realizou entre produção teórica e percepção grupal deve resultar algo novo: um **programa educativo** que seja a síntese e a superação de ambos. O programa terá o objetivo de elevar o nível de consciência coletiva do grupo, até o máximo possível dentro das condições objetivas. A consciência dos grupos não pode ir muito mais além de tais condições objetivas, já que a consciência é um processo condicionado pela realidade. Fazemos esta observação porque não raro há pessoas de boas intenções, que, por meio de instrumentos inadequados, tentam "conscientizar" os grupos, utilizando temas que sobrepõem de muito as possibilidades reais de compreensão destes, seja porque os conceitos que se tenta fazer assimilar são demasiados abstratos, seja porque os referentes concreto-sensíveis, que porventura lhes facilitaríamos a compreensão de tais conceitos, de fato não existem em sua realidade ou nela tem outro significado.

O programa estará constituído por um conjunto de temas, os quais por sua vez são formulados como unidades pedagógicas ou sub-temas. Tanto os temas, como as unidades pedagógicas, entre si devem constituir **conjuntos ar-**

Constituição do Programa: como abordar e ordenar os temas

articulados, que vão ordenadamente do mais simples ao mais complexo; do concreto sensível ao abstrato; do que já foi compreendido ao que não foi ainda compreendido; do elemento que está presente ao que se encontra ausente; do que a consciência já relaciona ao que se encontra sem relação.

Essa ordem ou ordenamento sistemático é o que entendemos por pedagógico. Para chegar a produzir este ordenamento faz-se mister estar familiarizado com a realidade e com sua representação na consciência. Daí a importância das fases anteriores (redução teórica e temática), polos dialéticos de um movimento que se supera na construção de um programa educativo, de um conjunto de temas ordenados e organizados que hão de servir como fio-condutor da ação que se seguirá no momento posterior. Para esta fase sugerem-se os passos seguintes:

Passo 1 **Construção de unidades pedagógicas** **centradas sobre cada tema gerador**

Decomposição e complexidade do tema gerador

O tema gerador não é uma idéia ou conceito simples. Ainda que seu significado possa ser um signo verbal ou palavra, por exemplo, casa, escola, tijolo ou milho, ele se refere a uma série de aspectos da realidade, que se encontra assim relacionadas com a palavra-tema de uma ou outra maneira, seja como causa, condição, característica ou efeito. O tema casa, por exemplo, terá aspectos que se referem às condições físicas das habitações, à higiene, funcionalidade dos ambientes, à exiguidade do espaço de moradia. Outros aspectos referir-se-ão às condições sociais de um grupo para construir sua morada. Outros referir-se-ão aos problemas de educação dos filhos, devido à falta de privacidade do casal; finalmente outros chamarão a atenção para as doenças que podem causar os animais ao circularem livremente na casa.

Conceito de unidade pedagógica; a pedagogia a ser usada deve ser diretiva e de caráter dialógico

Estes aspectos, implícitos no tema, mas com ele relacionados é o que denominamos de **unidade pedagógica**. Em apêndice (Apd. 8) formulamos algumas orientações práticas para a construção do programa pedagógico. Elas visam introduzir um certo rigor na elaboração do programa e na preparação dos promotores ou animadores que vão executá-lo. Essa pedagogia, não diretiva e de caráter dialógico, que procura formas de escapar dos moldes da educação escolar, exige

mais conhecimento, mais preparo e sobretudo mais compromisso que a preparação de um plano de aula.

Passo 2 Elaboração dos códigos para os temas geradores

O significado do código, sem divergir essencialmente do que já foi dito aqui sobre os códigos de pesquisa, neste contexto e nesta fase conota e denota algo mais: o código é uma construção na qual se combinam elementos da realidade do educando e de sua percepção, com um roteiro de perguntas ou questões, pedagogicamente ordenados, para facilitar o diálogo no grupo, animado pelo coordenador. O código é feito com base em tudo quanto foi feito antes como pesquisa, elaboração teórica e redução temática. No apêndice a que se aludiu antes mostra-se como os códigos de estudo se diferenciam dos outros, sobretudo, por seus objetivos e por certas características de sua construção.

Passo 3 Confecção de material didático

Material didático significa aqui a expressão sensorial dos temas e unidades pedagógicas, mediante formas gráficas, meios visuais, orais ou audiovisuais. **O material didático visa facilitar ao grupo a objetivação de sua realidade existencial:** ele faz com que o tema possa, através dos sentidos, ser representado à consciência, e daí à reflexão. Às vezes, tem-se confundido material didático com o código. Ainda que este último precise de um meio para representar-se sensorialmente à consciência, ele requer mais que a simples representação. O material didático é apenas um canal pedagógico de um conteúdo que vai muito mais além do que é visualizado e representado.

Na elaboração do material didático, deve-se empregar aquilo que é culturalmente significativo e aceitável pelo grupo com o qual se está trabalhando. Em outros termos, parte-se da **simbologia cultural conhecida, familiar e aceita pelo grupo**, ainda que esta pareça demasiada simples ou pouco estético para os gostos mais refinados da equipe. Evitem-se, sobretudo, símbolos demasiados abstratos, que em vez de facilitar a comunicação podem até criar barreiras adicionais à compreensão.

Material didático e código didático não devem ser confundidos

É importante recorrer-se ao que é culturalmente significativo e aceitável pelo grupo com o qual se trabalha

...e a pena aproveitar meios e técnicas que tenham tradição local, como mamulengos, danças, teatro e outras manifestações

Os meios e técnicas para a confecção do material didático, com aquela limitação a que acabamos de nos referir, podem e devem ser os mais variados, podendo-se usar mais de um canal, inclusive para um mesmo tema: lâminas, cartazes, gráficos, fotos, diapositivos, histórias, poemas, canções, sociodramas, marionetes e mamulengos. O limite é a imaginação criativa do grupo de pesquisa.

Deve-se, porém, dar preferência às formas e meios de comunicação mais familiares ao grupo, porque a linguagem que estes meios utilizam já é conhecida, não requerendo aprendizado ulterior.

Há culturas, por exemplo, onde a expressão corporal e rítmica é fundamental e a pesquisa que vem se levando a cabo deverá captar estas formas próprias para utilizá-las no trabalho pedagógico. Conforme se verá mais adiante, ao falarmos dos Círculos de Estudo:

A introdução no material didático de elementos existenciais e meios culturais facilita ao grupo identificar-se com o tema, ao mesmo tempo que sua apresentação leva a objetivar a realidade.

Identificação e objetivação dos elementos indispensáveis à dialética do diálogo que se procura detectar não apenas dentro de um círculo de estudo, mais também entre a população.

Passo 4 **Treinamento dos coordenadores para realização dos Círculos de Estudos**

Resalte-se aqui o caráter de "des-aprendizado" dos hábitos diretivos e impositivos da educação formal

Os Círculos de Estudos são reuniões de grupo com uma dinâmica muito especial (ver Apêndice 9), que tem de ser aprendida. Em geral, as pessoas que passaram vários anos em sala de aula, como alunos ou professores, internalizaram uma forma de ensino-aprendizagem, com características muito próprias e que requer certos tipos de relacionamento entre educador e educando; tais características e relações não servem para um processo educacional não-diretivo, tal como se deveria dar nos círculos de estudo. O treinamento visa sobretudo, **des-aprender** os hábitos diretivos e impositivos da educação formal, e criar novos hábitos mentais e atitudes quase opostas aos anteriores.

O coordenador de um círculo de estudo não é um professor, mestre, ou conferencista. Ele não está lá para transmitir conhecimentos.

É um animador do diálogo, alguém que tenta criar condições para que os membros de um círculo possam eles mesmos produzir mudanças de sua consciência, necessárias para uma ação de transformação.

Ele é um problematizador, um inquietador, um desafiador de consciências. Ao contrário do mestre que dá respostas feitas, transmite conteúdos cristalizados e pré-determinados, e ensina fórmulas para a solução de problemas, ele, através de suas intervenções, procura criar condições para que o grupo se **encontre** ao redor de uma problemática, **descubra** os interesses maiores que realmente os unem e **proponha** caminhos de ação e transformação de sua realidade.

Para o treinamento dos coordenadores dos círculos podem ser utilizadas dramatizações ou práticas diretas, das quais participam outros membros da equipe, como observadores críticos da atuação do companheiro, observando sua conduta pedagógica, sua capacidade de escutar com atenção o que provém do grupo, de aproveitar o que o grupo oferece, de questionar as afirmações, não simplesmente negando-as ou recusando-as, mais devolvendo-as ao grupo sob forma de perguntas. A crítica deve referir-se ao modo como o coordenador se apresenta, ao **interesse** que ele manifesta pelo que seus interlocutores dizem, ainda quando o que se diz pareça insignificante ou irrelevante. Até mesmo os gestos e a **postura física do coordenador devem ser observados pela equipe**, com o fito de ajudá-lo a desempenhar bem o seu papel.

O Momento II se encerra aqui. Se a equipe, com disciplina e suficiente rigor, vencer as Fases e Passos anteriores, deveria encontrar-se suficientemente preparada para encetar uma ação educativa junto aos grupos com os quais está trabalhando, com certa profundidade. Armada conceitual e teoricamente, com materiais didáticos suficientes para apresentar aos grupos um conjunto de temas, pedagogicamente formulados, e treinada para desenvolver condições de iniciação de um diálogo crítico que leve à ação, a equipe de pesquisa pode dar início ao Momento III.

*Sobre a preparação dos
que vão coordenar os
Círculos de Estudos*

Momento III: Programação-Ação

Divide-se em quatro fases:

Fase A:

Realização dos Círculos de Estudo;

Fase B:

Irradiação da ação educativa;

Fase C:

Elaboração do Projeto Comunitário;

Fase D:

Execução e Avaliação dos Projetos de Ação

O Momento III, que por não se ter um termo melhor foi denominado **Programação-Ação**, marca, na metodologia o momento da ação. Esta ação empreende-se em primeiro lugar no plano da consciência, para em seguida dirigir-se ao plano dos processos objetivos; mesmo assim, não se trata de uma ação por si mesma, desvinculada de tudo quanto foi feito

antes. Pelo contrário, é uma ação planejada racionalmente, programada, na medida em que se aproxima do processo histórico da unidade específica e, na medida em que se estrutura, tendo em conta as contradições reais que vêm no bojo deste processo. O Momento III tem por isso dois objetivos principais:

- através de uma compreensão crítica mais global e objetiva de sua realidade histórica, **motivar para a ação** aos participantes do grupo, até atingir a população da unidade específica;
- uma vez motivada a comunidade, **apoiá-la na seleção, programação, execução e avaliação de projetos de ação**, para cujo êxito se desenvolveram atividades conseqüentes de formação e capacitação.

Mais sucintamente, os objetivos são gerar motivação para a ação a partir de patamares superiores de consciência e desenvolver um planejamento de base, com apoio de programas de **capacitação popular**.

Apesar do manifesto predomínio da ação neste momento, nem por isso deixar-se-á de lado a pesquisa dos processos sociais, já que estes não são estáticos; as contradições que se resolvem engendram outras das quais é necessário dar-se conta para enfrentá-las no curso da ação. Além disso, a realização dos círculos de estudo vai produzindo informações de teor diferente, no que se refere aos processos objetivos e subjetivos, as quais devem ser sistematizadas e pensadas teoricamente. O Momento se desdobra nas fases seguintes:

A pesquisa deve continuar paralelamente, porque a realidade está em constante mutação

Fase A:

Realização dos Círculos de Estudo

Divide-se em quatro passos:

Passo 1:

Organização ou seleção de grupos para os Círculos de Estudo;

Passo 2:

O processo de decodificação nos Círculos de Estudo;

Passo 3:

Priorização dos Problemas;

Passo 4:

Seleção das Idéias-Projetos

O Círculo de Estudo é uma via para trazer a consciência do grupo a sua problemática real, revelando as reais possibilidades do grupo dentro dessa problemática, num processo de aproximação entre consciência e realidade.

O Círculo de Estudo é uma dinâmica especial de grupo que se orienta a problematização, isto é, ao questionamento crítico das interpretações ou explicações que o grupo dá aos processos objetivos em que está imerso. Ou, às relações que mantém com contextos mais amplos, regionais, nacionais ou internacionais. A partir dos materiais didáticos e com a ajuda dos códigos e roteiros, busca-se a elevação dos níveis de consciência. Buscar-se-á, pelo menos, chegar a consciência dos grupos a sua problemática real, para dela derivar possibilidades reais de ação.

Desde as obras de Paulo Freire chama-se a esse processo de conscientização. O termo, porém, foi redefinido tantas vezes em seu conteúdo original, inclusive pelas mesmas classes dominantes, que ficou banalizado a ponto de significar o contrário do que queria conotar-se na intenção de seu inventor. Este processo de tomada de consciência, de aproximação entre consciência e realidade, significa que o conhecimento desta torna-se mais verdadeiro, correspondendo a um desvelamento da realidade, a uma ruptura com a ideologia, aqui considerada como falsa consciência.

O termo Círculo de Estudo - que no método psico-social, é chamado Círculo de Cultura - põe a maior ênfase no desen-

movimento de uma **compreensão crítica**, que procura superar as aparências do cotidiano para aproximar-se às determinações essenciais, ainda que contraditórias da realidade histórico-social. A ênfase deixa de ser a criação de uma suposta cultura, geral e abstrata; pelo contrário busca-se a **negação da cultura dominante**, entendida como super-estrutura ideológica. Isso significa reencontrar as formas culturais próprias das classes dominadas para desenvolvê-las em outro plano. Os passos próprios desta Fase são:

Passo 1 **Organização ou seleção de grupos para os Círculos de Estudo**

Os Círculos de Estudo organizam-se com grupos da unidade específica. Podem ser os mesmos grupos com os quais se realizou a fase de Círculos de Pesquisa. Normalmente, a estes últimos acodem muitas pessoas, atraídas tanto pelo conteúdo dos problemas discutidos, como pela forma participativa em que se realizam; pela **discussão aberta e franca** que neles se dá.

Ao alcançar-se esta fase da pesquisa provavelmente aqueles grupos foram, de certa forma, depurando-se: ficou sempre um núcleo de pessoas mais preocupadas com a solução dos problemas a serem encontrados, a estes núcleos de reflexão e motivados para a ação chamamos em outro trabalho **grupos instrumentais**; potencialmente, pelo menos, este núcleo pode vir a transformar-se (em nossas experiências quase sempre isto se deu) em grupos estratégicos para o que se refere como mudança ou desenvolvimento. Seu caráter estratégico vem-lhe, outrossim, de sua posição na estrutura econômico-produtiva (*idem, idem*).

Para facilitar o trabalho pedagógico, já que o objetivo primeiro dos círculos de estudo é produzir mudanças na consciência dos participantes, convém que os grupos de estudo não ultrapassem de muito, o número de quinze participantes. Isto, porém, não é nenhum número mágico. Em última instância, tudo dependerá mesmo da **vontade e da motivação dos participantes**, como também da **quantidade e qualidade dos coordenadores** de que dispõe a equipe.

Em apêndice (Apd. 9), damos orientações adicionais para o desenvolvimento do Círculo de Estudo, sobre seus objetivos

Questionando a cultura dominante na busca de uma cultura genuinamente local

e papéis que os membros da equipe têm que desempenhar durante sua realização.

Passo 2 O processo de decodificação nos Círculos de Estudo

O grupo vê-se na realidade que ele mesmo analisou

Este passo deve significar um avanço qualitativo no desenvolvimento da metodologia. Trata-se mesmo de fazer avançar a **consciência crítica dos grupos**, mediante o questionamento de sua visão social. A mensagem implicará nos temas apresentados pelos materiais didáticos - código, ou mensagem cifrada - é analisada pelo grupo, descoberta, revelada; ao fazê-lo o grupo se descobre, isto é, começa a ver-se representado na realidade que analisou.

Aí começa a atitude crítica, enquanto capacidade de ver-se inserido numa realidade determinada por relações, cujo caráter necessário e geral, objetivo e freqüentemente não-consciente, não deixa de influenciar eficazmente a conduta dos participantes e seu acionar prático. Para isso é mister **partir sempre daquilo que o grupo é capaz de perceber**, para daí, mediante um questionamento crítico fazer avançar a consciência coletiva do grupo.

Não importa se o grupo não descobre logo toda a riqueza implícita no código, em seus sub-temas ou dimensões. Realizar-se-ão sessões que sejam necessárias para que o grupo vá avançando progressivamente, **em seu ritmo próprio**, até onde possa ir, dadas as suas condições objetivas.

O roteiro que normalmente se elabora para cada tema representa um pouco o caminho pedagógico que facilita elevar a consciência a patamares mais elevados. O roteiro deveria facilitar também **unir dados dispersos da percepção grupal**, temas que aparentemente separados ou fragmentados, em uma compreensão que vai se fazendo cada vez mais totalizante, ampliando-se quantitativamente com novos elementos, mas que qualitativamente também se distingue dos níveis anteriores.

Associando-se outros conhecimentos aos Círculos de Estudo

Os Círculos de Estudo podem estar acompanhados ou seguidos de classes de alfabetização, por exemplo, ou pelo ensino da aritmética, das ciências naturais ou de outros conjuntos de conhecimentos tecnológicos. O Círculo, porém, não se confunde com eles. Tais objetivos que podem agregar-

se aos Círculos de Estudo são secundários. Antes, o círculo dá a esses conhecimentos seu verdadeiro sentido, na qualidade de instrumentos dos quais o grupo se apropria para melhor instrumentar sua luta.

Por tudo quanto se disse, pode-se apreciar como o Círculo de Estudo, quando realizado com seriedade pela equipe, pode representar um salto qualitativo da consciência: não se trata de uma mudança radical, somente nos conteúdos da consciência, mas, sobretudo, em sua dinâmica. Dinâmica esta que permitirá à consciência a conquista do conteúdo do real, sua contínua descoberta, para uma ação renovadora. Isso é o que entendemos por conscientização: não se trata de encher as consciências de conteúdos, mesmo que estes sejam revolucionários, mantendo-se, no entanto, rigidamente estruturados, como formas imóveis. Trata-se de dinamizar a consciência, transformando-se esta no que deve ser: uma atividade prática de conquista, de descoberta da realidade objetiva para transformá-la.

Aqueles que tiveram a oportunidade de participar ativamente de Círculos de Estudos, sabem o quanto é gratificante esta atividade. Mas, sabem, também, quanto ela modifica, às vezes radicalmente, os coordenadores.

Se se entende educação como uma transformar-se transformando a realidade e não apenas como uma transmissão de conhecimentos, um ensino-aprendizagem de conteúdos pré-fabricados e estáticos, esta é uma atividade profunda e visceralmente educativa.

Passo 3 Priorização dos problemas

Os Círculos de Estudo devem produzir nos grupos uma percepção bastante pronunciada do conjunto de problemas que os atingem, e, sobretudo, revelar os determinantes mais importantes destes. Tal compreensão motiva o grupo para a ação, já que a análise dos problemas e determinantes faz-se dialeticamente, mostrando-se como os problemas podem vir a ter soluções alternativas. Nos círculos também se mostra a relação existentes entre os problemas, o que lhes permitirá estabelecer uma ordem de prioridades para a ação. É necessário que a discussão chegue a prever certas prioridades, cujo ordenamento se fará tanto com base na teoria, como nas possibilidades de ação. Esta ordem de

Qual o real sentido do termo "conscientização"?

O aspecto gratificante dos Círculos de Estudos

Como funcionam os Círculos na priorização dos problemas

prioridades será sem dúvida distinta à que se estabeleceria, antes de ter o grupo feito sua própria crítica nos círculos. Basta comparar as afirmações feitas nos Círculos de Estudo com as que resultaram nos Círculos de Pesquisa, para ver que as necessidades sentidas pelo grupo neste momento, não coincidem mais com as que se formularam no Momento Investigativo.

Aos problemas assim priorizados orientar-se-á toda a força da motivação do grupo. Deve haver uma concentração de esforços dialógicos para estudar o(s) problema(s) ao(s) qual(is) se deu(deram) prioridade, com o fito de olhá-lo desde vários ângulos, perspectivas e dimensões, para poder abordar sua solução também com maior conhecimento e possibilidades de êxito.

Passo 4 **Seleção de Idéias-Projetos**

Por **Idéias-Projetos** entende-se uma lista provisória de idéias, que tenham possibilidades de converter-se em projetos de toda a unidade específica, após serem discutidas por toda a população nas fases posteriores. Não idéias simplistas, ou fragmentárias; são quase ante-projetos, ações alternativas com objetivos já claros e que se baseiam na análise de cada um dos problemas, de suas implicações e exigências. Isto porque nos Círculos de Estudos já se deu uma compreensão do problema, por sua inserção no contexto social global, do que se derivaram as alternativas de solução. Os grupos já realizaram o diagnóstico de sua problemática e levam à população um caminho comum, para alcançar a solução, que só poderá resultar da ação combinada de todos.

Observe-se como a unidade específica (a comunidade local, geográfica) começa a ser uma "comunidade" de objetivos, a partir do momento em que os grupos pensaram criticamente sua realidade, iniciaram a superação de sua percepção anterior e começam a iniciar a irradiação da ação educativa.

A luz que se conquistou começa a brilhar também para os outros.

Essas idéias podem converter-se em projetos para toda a unidade específica

Fase B:

Irradiação da Ação Educativa

Divide-se em dois passos:

Passo 1:

Apresentação à população dos problemas e ações alternativas para a sua discussão

Passo 2:

Seleção coletiva do(s) projeto(s) de ação

A fase tem como objetivo principal difundir em toda a população da unidade específica o conhecimento da problemática, isto, porém, acompanhado de vias alternativas de ação. O propósito é que a população chegue a uma decisão, à escolha de um curso de ação, que irá transformá-la em comum-unidade de objetivos e de ação, em comunidades de interesses.

Esta é uma fase relativamente curta mas sobremaneira importante porque representa o início de um processo decisório coletivo, precisamente aquilo que a vai constituir como comunidade real. Os dois passos sugeridos para alcançar o propósito da fase assim se desdobram:

Passo 1

Apresentação à população dos problemas e ações alternativas para a sua discussão

Isto se faz através da difusão massiva escrita, oral ou audiovisual dos problemas e idéias-projetos, como também por intermédio da celebração de assembléias com toda a população da unidade específica. O uso de materiais audiovisuais (montagens com diapositivos, mamulengos, dramatizações, murais e jornais da comunidade) deve ser encorajado, para que a população se dê conta da relevância dos problemas, dos fatores que os engendram e dos caminhos alternativos de ação.

Difundindo o conhecimento da problemática junto à população

Passo 2**Seleção coletiva do(s) projeto(s) de ação**

É o momento da tomada de decisão coletiva: discutida a problemática e os meios de solução, o conjunto da população deverá decidir que rumo tomar, o que fazer para encontrar a solução para o problema ou problemas escolhidos. A decisão deve ser tomada em assembléia, ou pelo menos em reunião de representantes dos distintos setores da comunidade. A decisão deve ficar registrada por escrito e difundida novamente por toda a população, procedendo-se de imediato à fase seguinte, para evitar que a motivação diminua, por descontinuidade.

Fase C:

Elaboração do Projeto Comunitário

Divide-se em sete passos:

Passo 1:

Definição dos requerimentos materiais e humanos para a realização do projeto;

Passo 2:

Localização dos recursos disponíveis;

Passo 3:

Formulação das tarefas e designação dos responsáveis;

Passo 4:

Preparação dos conteúdos dos eventos educativos de apoio ao projeto;

Passo 5:

Capacitação do pessoal do projeto;

Passo 6:

Preparação imediata dos meios necessários para dar início às atividades do projeto;

Passo 7:

Mecanismos de controle comunitário sobre o projeto

Esta é uma fase de programação, não mais entendida como um exercício de técnicos e profissionais do ramo, mas como um processo educativo, durante o qual uma comunidade, acionada por seus **grupos instrumentos**, analisa um curso de ação orientado por objetivos claros e conscientes, estuda os requerimentos materiais de que precisa, verifica os caminhos alternativos de que dispõe e, finalmente, escolhe as atividades educativas (capacitação e treinamento) necessárias para que sua ação alcance seus objetivos. É comum ver como os planejadores (mesmo os que trabalham com populações periféricas ou camponeses) esquecem o caráter profundamente educativo que pode ter a planificação, quando realizada por aqueles aos quais mais interessa uma determinada ação, ou seja, seus beneficiários imediatos e executores diretos. Talvez por considerarem a

A população aprende a planejar em seu próprio benefício

LEVANDO O OBRIGAMENTO
DE DEBATE - quem vai
assumir os seus resul-
tados

planificação um domínio ou feudo profissional, o que foi acontecer com a maioria dos profissionais, os quais costumam separar este domínio do resto dos mortais, mediante a utilização de uma linguagem própria, e até esotérica.

Refletir sobre uma ação orientada por objetivos, analisar o que é necessário fazer, verificar o de que se dispõe para fazê-lo, e o que se necessita aprender para levar a cabo com êxito um projeto, tudo é parte de um projeto educativo.

Assim entendemos o que comumente se denomina de "planejamento de base" uma fase de um processo educativo mais amplo, que nasce na investigação dos processo sociais, faz-se auto-investigação, transmuda-se finalmente em ações concentradas, racionais e coletivas, mediante um planejamento de base. Os passos sugeridos são:

Passo 1

Definição dos requerimentos materiais e humanos para a realização do projeto

Neste passo se busca junto com a comunidade analisar o curso da ação proposta, para definir com precisão o que há de se fazer para que os objetivos do projeto possam ser alcançados. Os requerimentos materiais são recursos financeiros, de infra-estrutura, de equipamentos e de matérias-primas, os recursos humanos consistem em pessoal capacitado para levar a cabo as diferentes tarefas que o projeto vai exigir.

Passo 2

Localização dos recursos disponíveis

Os recursos de que se falou acima (materiais e humanos) podem estar disponíveis na própria localidade, ou fora dela (externos ou exógenos) mas de alguma forma alcançáveis.

Neste passo se buscam e definem os recursos alternativos para o projeto. Neste passo a atuação dos elementos da equipe é comumente importante: com base em seus conhecimentos eles podem apoiar eficazmente a planificação, oferecendo alternativas não conhecidas pela população, ou por esta considerados como fora de seu alcance. Abrir o leque de alternativas e possibilidades fortalece a motivação.

*Os técnicos auxiliam,
abrindo um leque de al-
ternativas*

sempre que se tenha o cuidado de apresentar alternativas reais, não apenas imaginárias ou imaginadas.

É possível que ao analisar-se com a população os recursos disponíveis se verifique que os objetivos ou metas sejam demasiado ambiciosos, o que pode levar a sua modificação.

Isto, porém, é decisão que deve ser tomada pela população e não pela equipe.

Passo 3 **Formulação das tarefas e designação dos responsáveis**

Cada objetivo do projeto deve ser dissecado em função dos passos ou atividades que ele exige para ser alcançado. Em seguida cada atividade ou tarefa específica em que se desdobram as atividades, deve ter um responsável da própria comunidade. Esta distribuição de tarefas é necessário para que as ações, que pouco a pouco vão construindo o projeto, não fiquem indeterminadas, como responsabilidade de todos, mas sem ninguém que as leve a cabo.

Em outras palavras: "responsabilidade difusa, é responsabilidade confusa".

Passo 4 **Preparação dos conteúdos dos eventos educativos de apoio ao projeto**

No primeiro passo da fase definiram-se as exigências de recursos humanos para que o projeto tenha êxito. Agora cabe preparar com detalhe os conteúdos, métodos de ensino, materiais didáticos, etc. dos eventos educativos que vão preparar (capacitar) as pessoas que participam de alguma forma do projeto, para as tarefas que lhes competem.

Deve-se dar preferência aos métodos diretos e ativos que ensinam a fazer, fazendo e àqueles que se baseiam na auto-aprendizagem ou aprendizagem entre adultos.

A programação curricular há de guardar direta relevância para com os objetivos do projeto. O mesmo se deve dizer do método de ensino-aprendizagem.

Dividir responsabilidades é imprescindível na organização do trabalho

Preparando as pessoas para as tarefas que lhes competem

Capacitando para uma ação e necessidades concretas

Passo 5 **Capacitação do pessoal do projeto**

Na execução da capacitação dar-se-á ênfase aos métodos ativos e autogestionários, tais como os cursos-oficinas (Workshops), as práticas de campo.

Cumpra ressaltar que a capacitação técnica, gerencial ou outra qualquer que se dá nesse passo da metodologia, é algo que se planeja e executa como resultado ou exigência de um projeto de ação que a comunidade decidiu realizar, tendo sido pensado como apoio à sua realização.

Não é algo que se decide e planeja em um escritório governamental ou privado, com base em indicadores "frios", que podem até parecer muito científicos para os planejadores, mas que nada têm a ver com as necessidades objetivas dos grupos e das comunidades, necessidades essas que a comunidade, através de um processo de auto-investigação, julgou relevante para sua própria ação.

Presentificando e viabilizando o início de cada ação

Passo 6 **Preparação imediata dos meios necessários para dar início às atividades do projeto**

Neste passo não de realizar-se todas as gestões e ações que permitam iniciar o projeto no momento previsto. Caso contrário, quando a comunidade estiver pronta para entrar em ação, encontrar-se-á sem os meios para tal, provocando frustração e desânimo.

Sobre as formas que a comunidade deve dispor para acompanhar e alterar o projeto, visando atingir os resultados desejados

Passo 7 **Mecanismos de controle comunitário sobre o projeto**

Por Mecanismos de Controle entendemos aquelas formas, institucionalizadas ou não, através das quais a comunidade pode verificar o cumprimento das ações pactadas, dos objetivos desejados e a aplicação correta dos recursos e meios materiais. Como resultado da aplicação desse controle a comunidade pode sugerir mudanças nas atividades, nas metas, nos responsáveis ou mesmo nos objetivos, ajustando-os melhor à realidade. Os mecanismos de controle devem ser criados diretamente pela comunidade ou por ela adaptados.

devendo funcionar não apenas no plano dos dirigentes, mas também da base.

Os mecanismos de controle são indispensáveis para assegurar a participação de toda a população no projeto. Terão, por isso, um caráter tanto informativo, como deliberativo. Não serão esporádicos e sim permanentes, mantendo-se assim um fluxo contínuo de informações, indispensáveis para um processo de decisão ajustando à realidade da comunidade (Apd. 11).

Ao concluir-se esta fase, a comunidade, unificada em torno de um projeto comum, que ela mesma escolheu e elaborou, para cuja execução se preparou mediante a auto-capacitação e a mobilização de seus próprios recursos, está pronta para iniciar a ação. Fácil é perceber a distância existente entre um projeto desta natureza e os que, elaborados nos escritórios com ar-condicionado das empresas públicas ou privadas, são impostos às comunidades, sob o pretexto destas não serem capazes de resolver seus problemas, e que, portanto, alguém de fora deve fazer por elas. O paternalismo revela invariavelmente uma profunda desconfiança na capacidade das classes populares, e ao ser a ideologia principal do desenvolvimento abre caminho para uma utilização dos recursos em benefício de interesses particulares.

Validade de um processo conduzido do modo como aqui se propõe

Fase D:

Execução e Avaliação dos Projetos de Ação

Divide-se em três passos:

Passo 1:

Início das atividades do projeto e dos programas educativos necessários;

Passo 2:

Avaliação permanente do processo;

Passo 3:

Análise dos resultados finais do projeto por toda a comunidade participante (avaliação terminal)

Esta fase derradeira do Momento III da Metodologia de Pesquisa-Ação, representa a ação em sentido estrito e seu objetivo é por em marcha, levar a cabo e avaliar sistematicamente o(s) projeto(s) de ação e os programas pedagógicos de apoio.

Se o planejamento foi suficientemente detalhado, especificando objetivos, metas, atividades, tarefas, responsabilidades, recursos e tudo o mais que ficou dito na fase anterior, a execução será muito facilitada. Até mesmo os problemas que surgem na execução por causa da variação de fatores exógenos, que não podem ser diretamente controladas pelos executores, encontram soluções mais rápidas, pois os mecanismos de controle, detectando-os cedo permite ajustar o projeto a mudanças conjunturais.

Observamos que os programas ou atividades de capacitação que se formularam no Passo 5 da Fase anterior não devem obrigatoriamente realizar-se antes de se iniciar a execução. Podem acompanhar o desenvolvimento da ação, sempre que a capacitação necessária para o êxito ou bom desempenho da execução antecipe-se devidamente às atividades que a requerem. A seguir detalhar-se-ão os passos que compõem o desdobramento desta Fase:

Esta fase será tanto mais fácil quanto mais rigor foi usado na condução das fases anteriores

Passo 1**Início das atividades do projeto e dos programas educativos necessários****Passo 2****Avaliação permanente do processo**

A avaliação permanente não é uma ação crítica que os executores do projeto exerçam sobre suas atividades, de forma periódica e sistemática. Ela faz parte da exigência, antes já assinalada, de pesquisar os processos objetivos, para adequar a ação ao movimento objetivo destes últimos. A equipe de investigação, já agora integrada a toda a comunidade, põe em ação os instrumentos de controle para assegurar o seguimento crítico da ação por parte dos executores e responsáveis diretos. O resultado da avaliação pode ser o redirecionamento do projeto, sempre que seja necessário para que seus objetivos básicos sejam alcançados, tentando-se eliminar os fatores que obstaculizam seu alcance. É preciso assegurar que a comunidade, como totalidade de interesses, esteja permanentemente informada da ação, dos fatores perturbadores e das mudanças do curso da ação, para que a participação seja alcançada, juntamente com os objetivos do projeto.

Passo 3**Análise dos resultados finais do projeto por toda a comunidade participante (avaliação terminal)**

Este último passo não deve ser negligenciado pois permitirá à comunidade dar-se conta dos resultados de sua ação, fortalecendo assim a confiança em sua própria força. Até mesmo os êxitos parciais e os fracassos momentâneos podem levar a comunidade a assegurar-se de sua capacidade. O processo avaliativo realiza-se em primeiro lugar com os grupos de trabalho (grupos-tarefas), para depois fazer-se também em assembléias: não deve ficar escondido, tudo deve vir à luz.

Não se deve ter medo do fracasso ou êxito parcial. Quando uma comunidade fracassa em uma ação que ela mesma escolheu, planejou e executou, o fracasso parcial não a frustrará a ponto de impedir outras ações. Nossa experiência indica que tais fracassos podem até mesmo ser estímulos para novas

A avaliação como um meio para que a própria população defina os ajustes no projeto a ela destinado

Erros e acertos: o contato com ambos fortalecerá a comunidade como tal

O fracasso também pode ser um caminho para o aprendizado, para o crescimento

ações. Eles abrem caminho para um maior avanço da consciência e frequentemente se constituem como desafios, aos quais a comunidade só responde com novas ações. Normalmente a frustração com inibição e desânimo resulta de ações ou projetos que lhe foram impostos, sem que a comunidade os pedissem ou até os necessitassem. Neste caso é muito difícil tornar a motivá-la para outra ação. Os exemplos de tais projetos frustrados, com a conseqüente desmobilização e desânimo são lamentavelmente numerosos na história do Desenvolvimento de Comunidades.

Conclusão

Aqui se conclui este minucioso detalhamento da sequência metodológica da Pesquisa-Ação. Com este último passo, não necessariamente se termina o processo. Pelo contrário, se se alcançou o objetivo maior que é a tomada de consciência coletiva para uma ação, também coletiva, na busca dos interesses comuns, este primeiro projeto é apenas um primeiro passo nesta luta: a comunidade de interesses inicia apenas um caminho novo que a levará a participar ativamente na luta maior das comunidades de trabalhadores em busca de uma sociedade mais justa. Nossa experiência nos indica que a Pesquisa-Ação pode ajudar tanto na descoberta, como na construção desse caminho novo, sempre que seja entendida como um projeto de prática social e nunca como um livro de receitas. Esperamos que este trabalho contribua mais ainda para alcançar aquele objetivo final que nos unifica a todos.

Lista dos Apêndices*

Apd. 1

Indicações para o Uso do Diário de Campo

Apd. 2

Crêterios para seleçãõ de Unidade Específica

Apd. 3

Instruções para a Ficha de Descoberta

Apd. 4

Instruções para Elaboração dos Códigos de Investigaçãõ

Apd. 5

Elementos Básicos do Círculo de Investigaçãõ

Continua

(*) Os apêndices constantes desta lista serão oportunamente impressos em um outro volume, complementando as referências desta publicação.

Apd. 6
Manual de Análise dos Círculos de Investigação

Apd. 7
Orientações para o trabalho de Teorização

Apd. 8
Dissos para a Elaboração do Programa Pedagógico

Apd. 9
Como Preparar, Realizar e Avaliar um Círculo de Estudo

Apd. 10
Crítérios para priorizar Projetos Comunitários

Apd. 11
Controle Comunitário sobre os Projetos

Bibliografia Citada

1. FIORI, José Luís, *Dialéctica y libertad: dos dimensiones de la Investigación Temática*. In: *Cristianismo y Sociedad*. ISAL, Montevideo, 1968.
2. FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido*
3. PINTO, João Bosco. *Reflexões sobre Desenvolvimento Social, Trabalhos com Grupos e Mobilização Comunitária*. Projeto DRIN/BRASIL, OEA/SUDENE, Doc. A-3, Recife 1980.
4. PINTO, João Bosco. "Educação de Adultos e Desenvolvimento Rural". In *Educação Rural para o Terceiro Mundo*, ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro 1981.
5. PINTO, João Bosco, ANGEL, Miguel, REYES, Victor. *Metodología de la Investigación Temática: supuestos teóricos y desarrollo* in *Desarrollo Rural en las Americas (II)*: 1, San José, Costa Rica, IICA, 1970.

A programação visual e composição deste texto foram realizadas por

SUDENE - GRUPO REGIONAL DE CAPACITAÇÃO

PROJETO SUDENE/PNUD

APOIO ÀS ATIVIDADES DE TREINAMENTO DO PAPP

para utilização nas suas atividades de promoção de cursos

Equipe de Tratamento Gráfico

Programador Visual

Luiz Felipe Botelho Paes Barreto

Digitadora

Isabel Tenório da Silva

Revisão Geral de Texto

Sandra Calábria

PESQUISA - AÇÃO
DETALHAMENTO DE SUA SEQUÊNCIA METODOLÓGICA

PESQUISA - AÇÃO
DETALHAMENTO DE SUA SEQUÊNCIA METODOLÓGICA